

P E E R G Y N T

DE

HENRIK IBSEN

Tradução de Leo Gilson Ribeiro

Em livre adaptação de Irene Brietzke

TEATRO VIVO

PORTO ALEGRE

1987

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PERSONAGENS

ASA - Viúva de um Lavrador
PEER GYNT - Seu Filho
CONVIDADOS DO CASAMENTO
INGRID + Uma Noiva
O RECÉM CASADO E SEU PAI
UM CASAL DE LAVRADORES IMIGRADOS
SUA FILHA SOLVEIG
UMA MULHER VESTIDA DE VERDE
O VELHO DE DOVRE
DUENDES
DEUNDE - MÔR
UMA VOZ NAS TREVAS
KARI, MULHER DE UM AGREGADO
MASTER CUTTON - Viajante Inglês
M. BALLON - Viajante Francês
HERR EBERKUPF - Viajante Alemão
HERR VON TROMPETERSTRAALE - Viajante Sueco
UM LADRÃO ÁRABE
UMA ESCRAVA ÁRABE
UM CAPITÃO DE NAVIO NORDEGUÊS
UM PASSAGEIRO DESCONHECIDO
UM FUNDIDOR
UMA FIGURA MAGRA
INTERROGADORES 1,2,3,4

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A ação começa nos primeiros anos do século XIX e termina por volta de 1860. Desenvolve-se no Vale da GudBrande nos Fjords (montes) vizinhos, na costa de Marrocos, no Deserto de Saara, No hospício do Cairo, No mar, etc.



TEXTO 1

"Para mim, o lugar ideal é um teatro, com um palco vazio. Aí está a emoção, o calafrio, o êxtase. A sensação que tenho diante do palco vazio é a de um espaço para preencher, um mundo para criar. O teatro permite milagrosamente uma duplicidade, esse grande jogo de contar uma história, e, enquanto se conta, viver você mesmo uma outra história, avventurosa, com pessoas extraordinárias iguais à da peça que você está encenando. E ainda, de modo mais fascinante, você convive com situações que você falará numa próxima peça, numa espiral de invenção e de vida, de observação e criatividade, espectador e ator ao mesmo tempo, manobrador de marionetes e marionete mesmo, repórter e acontecimento, como os artistas do circo, que moram no mesmo picadeiro onde se exibem, nos mesmos carruagens em que viajam."

Federico Fellini

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA 1

ASA - Peer, você está mentindo!

PEER- Não estou nada!

ASA - Então jura que é verdade?

PEER- Prá que você quer que eu jure?

ASA - Ah, está vendo? Você não tem coragem, seu desgraçado! Você só sabe mesmo é pregar mentira!

PEER- Não, senhora: é tudo verdade, tim-tim por tim-tim.

ASA - (Colocando-se diante dele) - Menino, você não tem vergonha de mentir prá sua mãe, não? Era só o que faltava! Você sai prá caçar renas nas montanhas durante meses sem se preocupar nem um pouco com a nossa colheita. Depois, com a maior calma, volta sem o fuzil, sem caça, com o casaco de peles todo rasgado e ainda quer que eu acredite nas suas lorotas de caçadas, conversas fiadas prá boi dormir! Então vamos ver: Esse cabrito montês onde foi que você pegou?

PEER- A oeste das grandes neves.

ASA - (Fingindo acreditar) - Ah, é, é? É que mais?

PEER- Bom: eu estava andando contra o vento, um vento muito forte: Ch, Ch, Chchch! Aí, atrás de um tronco caído, apareceu o cabrito montês, que estava procurando plantinhas debaixo da neve.

ASA - (Idem) - Ah, sei! É depois?

PEER- Eu estava à espreita, prendendo a respiração. Estava ouvindo a camada de neve se quebrar debaixo dos cascos dele... conseguia ver a ponta de um chifre... Aí, eu fui deslizando, deslizando bem devagar... Me arrastei até pertinho dele... e escondido no meio das pedras, fiquei espionando ele. Olha, mãe, não estou brincando! Você nunca viu um cabrito montês como aquele: tão gordo, com o pelo brilhando, lindo!

ASA - Não vi, nem em sonhos!

PEER- PUM! Atirei nele. O cabrito caiu ferido no chão,



que depressa, eu salto em cima dele, seguro na orelha esquerda, e já vou enfiar a faca nas costas dele quando, de repente, o bandido dá um rugido de assustar, fica em pé nas quatro patas, jogando a cabeça pra trás uma porção de vezes e me faz cair a faca das mãos e começa a me apertar os rins com os chifres, e depois vai me levando pela montanha.

ASA - (Involuntariamente) - Jesus Santíssimo!

PEER- Você sabe que aquela montanha é cheia de arestas afiadas que nem uma foice, que termina numa ladeira abrupta, cheia de desmoronamentos e de blocos de neve endurecida, chicoteada pelos ventos. Dos dois lados, a rocha bruta se despencando em linha reta até o fundo do fjord, um abismo preto, sinistro, vertiginoso, profundo, de umas trezentas varas de fundo! Atirados do cume abaixo, o bicho e eu atravessamos os ares! Nunca cavalquei montaria igual! Parecia que nós estávamos galopando em direção ao sol!

ASA - (Assustada) - Jesus Benedito, tende misericórdia!

PEER- De repente, de um ponto da rocha escarpada se levantou um bando de perdizes escondidas numa toca e assustadas pelas patas do cabrito. Ele de sopetão, dá uma meia-volta brusca e se joga no abismo com um salto mortal!

ASA - (Vacila e busca apoio)

PEER- Atrás de nós, os penhascos sombrios, na nossa frente, o abismo sem fundo! Primeiro furamos uma camada de névoa, depois uma nuvem de galvetas que levantaram vôo com gritos de espanto! Fomos caindo, rápidos que nem um raio! Lá no fundo, eu percebia uma mancha brilhante, branca como o ventre de uma rona! Mãe, era nossa própria imagem, refletida no lago tranquilo e que subia para a superfície da água com a mesma velocidade estonteante que nós caíamos!

ASA - Peer! Pelo amor de Deus! Acaba logo de uma vez!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PEER- Chifre contra chifre, chocaram-se afinal os dois cabritos!
O do ar e o do lago! Esquichou pro alto uma onda espumante
nem no lugar onde eles se encontraram. E nós ficamos nos
debatendo na água um tempão enorme, enorme! Fomos nadando,
sempre prá frente, o cabrito na frente, me rebocando, até
chegar na margem norte do fjord. Aí eu desci e vim andando
de volta prá cá...

ASA - Sim, senhor! E o cabrito que fim levou?

PEER- Acho que ainda está correndo até agora! Quem conseguir pe-
gar ele é um sujeito muito esperto!

ASA - E você não quebrou o pescoço, meu filho? Nem as pernas? Mi-
lhões de graças a Deus, que me devolveu meu Peer são e sai-
vo! (Levanta-se de repente, olha para Peer boquiaberto, fi-
ca um tempo longo sem achar palavras...

TEXTO 2

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

"O teatro mostra um milagre qualquer e desaparece enquanto
estiverem surpresos."

Yakuhoku Ishikawa

...até que erro, finalmente) Ah, seu bandido! Ah, seu menti-
roso de uma fiça! Tudo inventado! Esta história contavam
desde que era menino de colo!

PEER- São casos fáceis de acontecer mais de uma vez, não é?

ASA - Ah, são, sim senhor! São, sim! É fácil pegar uma mentira,
embalezar com mil detalhes e preparar tão bem que nem se
reconhece o esqueleto por debaixo! É é isso que você faz!
Você inventa anfeites maravilhosos ou apavorantes e pron-
to! Nem se reconhece a história batida há tanto tempo!

PEER- Mãe, se não fosse você a me dizer isso, eu matava



do de tanta pancada!

ASA - Meu Deus do Céu! Quem me dera poder morrer e descansar do-
baixo da terra! Ah, Peer, Peer, você está perdido, não tem
mais quem salve você!

PEER- Está bem, mamãe. Você é uma Santa e tem toda razão. Vamos,
não fique zangada, vamos: Alegria, alegria!

ASA - Cala a boca! Que alegria que eu posso ter com um filho por-
caria como você? Não é um castigo prá uma pobre viúva? O
que que restou da fortuna de teu avô? Onde estão aqueles
alqueires de terra do velho Rasmus Gynt? Onde estão suas
moedas de ouro? Seu pai botou todas fora! Semeou elas como
se fossem areia, comprando terras por toda a vizinhança,
passeando em carruagens douradas. E o dinheiro todo gasto
naquela grande festa de inverno, quando as garrafas vog-
ram em pedaços, quando todos os convidados atiraram as ta-
ças contra a parede. Onde está, que fim levou aquela di-
nheirama toda?

PEER- Mãe, tudo se esvai, tudo termina um dia. E as nevas do in-
verno passado, onde estarão agora?

ASA - Respeito com a tua mãe! Olha a casa. Quase todas as vidria-
ças foram substituídas por trapos velhos. O q. do não tem
mais lugar para se refugiar; os campos ninguém cultiva e
cada mês é uma penhora que aparece!...

PEER- Deixa de cadaquice mãe! A sorte muda quando menos se espe-
ra!

ASA - A sorte? Há muito tempo que ela nem passa por aqui. Pois é
aqueles tempos todos elogiavam tudo que via em nossa ca-
sa. A turma toda não arredava o pé de nossa casa, com co-
mes e bebes e farras até o sol cair. Mas é na desgraça
que se conhecem as pessoas. Desde o dia em que Jac a nt,
teu pai, foi-se embora por esses caminhos com a troupe nas
costas, tudo ficou silencioso por aqui, não passa o
va alma por estas paragens. (Enxuga os olhos com o



tal). É, meu filho, você devia ser o apoio de tua mãe velha e doente. Devia cuidar de nossa propriedade, defender os últimos restos do nosso patrimônio. Mas não, seu malandro ! Deus é testemunha que você nunca teve serventia pra n-da! Em casa só sabe se espreguiçar diante da lareira, remexendo as brasas. Por tua causa, todos riem de mim às gargalhadas.

PEER- Confia em mim! Todo mundo na vila um dia vai se inclinar diante de você. Espere só até eu realizar uma ação formidável, uma coisa grandiosa mesmo!

ASA - (Irônica) - Você?

PEER- Ninguém sabe o que pode acontecer.

ASA - Eu já me dava por satisfeita se você aprendesse a remendar tuas calças.

PEER- (Enreivecido) - Pois eu vou ser Rei, Imperador!

ASA - Deus que me perdoe! O coitado perdeu o restinho do juízo que lhe sobrava!

PEER- Vai ser como eu te digo. Só preciso de tempo;

ASA - Será que já não chega de variar? Você está louco varrido ! Você podia ter sido alguma coisa na vida se desde que amo - nhece até que anoitece você não tivesse a cabeça cheia de invenções bobas. Você podia trabalhar, casar e ter filhos.

PEER- Você acha?

ASA - Enquanto você cavalgava pelos ares teu corrito montês, Katz Moen pediu a mão de Ingrid.

PEER- Quem? Aquele espantalho?

ASA - As Bodas se celebram amanhã.

PEER- Espere um minuto, vou atrelar os cavalos. (Começa a se afa^ztar)

ASA - Oh, Peer, desgraçado! Nós não vamos ao casamento. Será que você quer aumentar minha tristeza servindo de saco de rija^zdas para os outros?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PEER - Fique calma! Tudo vai dar certo! (gritando e rindo)
Alegria! Alegria! Vamos atrelar a carroça. Vou buscar
o burro. (Puxando ASA)

ASA - Me larga!

PEER - Não! Vou te levar assim até o casamento!

ASA - Socorro! Senhor tende piedade de nós!

PEER - Quieta, quieta!

ASA - Seu burro!

PEER - Quer brincar de Peer e de cabrito montês? Upa! (Galo-
pando) Eu sou o cabrito, você é o Peer!

ASA - Ai! Ai!. Aiaiai! Para com isso, seu idiota!

PEER - Vamps: uma beijoca pro cabrito.

ASA - (Dando -lhe um bofetão) - Tá aí a tua beijoca!

PEER - Ai! Bofetão não vale! ...

ASA - Me larga!

PEER - Só depois que a gente chegar na festa.

ASA - (Sapateando de raiva) - Não fecharei a boca até o ve-
lho mandar soltar os cachorros em cima de você como se
você fosse um bandoleiro perigoso!

PEER - Uhm! Então, prefiro ir sozinho.

ASA - Eu vou com você.

PEER - Não mamãezinha querida, você está sem forças!

ASA - Eu, sem forças ? Estou tão furiosa que era capaz de que-
brar pedras com os dentes! Me deixa!

PEER - Bem, se você prometer ...

ASA - Que prometer que nada! Vou atras de você! Vou dizer prá
todo mundo quem você é!

PEER - Não, Senhora, você vai ficar aqui mesmo e eu vou a uma
grande festa.

ASA - Nunca! Quero ir com você!

PEER - Pois não vai.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ASA - Como você vai me impedir ?

PEER - Te largando em cima do moinho (Ergue-a até o telhado do moinho, apesar dos protestos de ASA, que grita e se debate)

ASA - (No telhado do moinho) - Me desce daqui!

PEER - Desço, mas antes escuta o que eu vou te dizer.

ASA - Estou pouco ligando para o que você vai me dizer!

PEER - Mãezinha querida, eu te suplico!

ASA - (Atirando-lhe uma pedra) - Me desça já já!

PEER - Bem que eu queria, mas não tenho coragem! (Aproxima-se dela) - Presta atenção e fica quieta! Se você se mexer, se começar a atirar pedras, pode acabar mal: Você pode dar com a carcaça no chão!

ASA - Canalha!

PEER - Não se mexa tanto!

ASA - Tomara que você seja varrido do mundo como lixo imundo que você é!

PEER - Puxa, mãe!

ASA - Te cuspo em cima !

PEER - Você devia era me dar a benção! A benção, mamãe! Não quer?

ASA - Eu queria te dar uma boa surra, com todo o teu tamanho!

PEER - Está bem. Neste caso, então, mãezinha querida, adeus. Eu tenho que ir nesta festa. Tenha paciência! Volto logo, viu? (Afasta-se, volta-se e com um gesto de advertência acrescenta) - Cuidado, hein? Não fica se mexendo muito! (Sai).

ASA - Socorro! Socooooorro! Socorroooo!



INTERROGATÓRIO 1

INTERROGADOR - Nome ?

PEER - Peer Gynt

INTERROGADOR - Idade ?

PEER - 20 anos.

INTERROGADOR - Nacionalidade ?

PEER - Norueguês.

INTERROGADOR - Sinais particulares ?

PEER - O sonho, a mentira, a invenção, a preguiça, o ócio, a paixão ...

INTERROGADOR - Sinais particulares ?

PEER - Nenhum sinal particular.

INTERROGADOR - Filiação?

PEER - Mãe ASA, pai fugido e morto.

INTERROGADOR - Profissão ?

PEER - Caçador dos maiores ursos, pescador das melhores trutas, contador das mais longas histórias, posso nadar e posso voar ...

INTERROGADOR - Profissão definida ?

PEER - Nenhuma.

INTERROGADOR - Casado ?

PEER - Não.

INTERROGADOR - Filhos?

PEER - Não.

INTERROGADOR - Por que ?

PEER - (Pausa) - Não sei.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TEXTO 3

" Um homem não pode sentir-se sobre a Terra senão como andarilho - embora não como viajante em direção a um alvo último: pois este não há. Mas bem que ele quer ver e ter os olhos abertos para tudo o que se passa no mundo; por isso não pode prender seu coração com demasiada firmeza a nada em particular. Tem de haver nele próprio algo de errante, que encontra sua alegria na mudança e na transetoreidade. Sem dúvida sobrevem a um tal homem noites más, em que ele está cansado e encontra as portas fechadas. Nestas noites o homem andarilho não tem onde dormir e seu coração se cansa da andança. Bem pode ser que isto aconteça às vezes ao andarilho, mas então vem, como recompensa, as deliciosas manhãs de outras regiões.

Uma vez que se tenha encontrado a si mesmo, o andarilho sabe que é preciso, de tempo em tempo, perder-se - e depois reencontrar-se. Daquilo que conhece e sabe medir, é preciso que o andarilho se despeça, pelo menos por um tempo. Somente depois de ter deixado a cidade verá a que altura suas torres se elevam acima das casas. "

Nietzsche

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA II

A FESTA. BAILE ANIMADO SOBRE O GRAMADO.

- MULHER 1 - Onde está a noiva ?
- NOIVO - Está no quarto chorando um pouco, mas isto é natural.
- MULHER 2 - Que gostoso é aqui. O teto é alto, a sala é tão grande ...
- NOIVO - Ela não quer nem por nada, pai. É tão teimosa.
- PAI - Não quer o que ?
- NOIVO - Fechou-se no quarto à chave.
- PAI - Pois então manda trazer a chave.
- NOIVO - Não posso.
- PAI - Que imbecil!
- MULHER 1 - (Para o Noivo) - A noiva ainda está trancada no quarto?
(ENTRA PEER GYNT)
- MULHER 3 - Agora é que vamos nos divertir: PEER GYNT está chegando!
- PAI - Está bêbado, êsse porco !
- PEER - O que você quer?
- MULHER 1 - Está de ressaca desde a última vez que nós o encontramos.
(Esta fala ela dá para os companheiros)
- MULHER 2 - Quem convidou ?
- PAI - Ninguém.
- NOIVO - Me diga o que você tem feito nestas últimas seis semanas.
Você sumiu, rapaz!
- PEER - Eu fiz coisas espantosas!
- MULHER 3 - (Piscando o olho para os companheiros) - Ah, é?
Conta p'rá nós, conta.
- PEER - São coisas que não são da conta de ninguém (Examinando-se) - Minhas calças estão que é um remendo só!
(Dando pontapés no ar) - Ah, a zombaria dessa corja!
Se eu tivesse o prazer de arrancar da barriga desta gente toda esta zombaria com uma faca de açougueiro.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- PAI - (Para as moças) - Se êle falar com vocês, não dêem atenção!
- MULHER 1 - (Para as demais) - Isso mesmo. Vamos fingir que não o enxergamos.
- PEER - (Chega sem fôlego, com os olhos brilhantes, pára no meio do grupo e bate palmas) - Quem quer dançar comigo?
- MULHER 2 - (Da qual ele se aproxima) - Eu não.
- MULHER 3 - (Idem) - Nem eu.
- MULHER 1 - (Idem) - Nem eu.
- PEER - (A outra) - Muito bem! Então venha você mesma antes que se apresente uma melhor!
- MULHER 2 - Não tenho tempo.
- PEER - Então vai ser você.
- MULHER 3 - Vou me retirar.
- PEER - Nesta noite ? Onde você está com a cabeça ?
- NOIVO - Olha, Peer. É melhor você dançar com um velho.
 (PEER GYNT dirige a um grupo de convidados um olhar tímido e indesciso. Todos olham para ele, mas ninguém fala com ele. Tenta aproximar-se de outros grupos. Assim que ele chega perto, o grupo aproximado se cala. Quando ele se afasta, seguem-no com os olhos e com sorrisos de mofa. "Eu achei um pouco estranho em todo o caso."
 (NOTA DA DATILOGRAFA)
- PEER - Ah, esses olhares! ... Esses sorrisos! ... Esses pensamentos venenosos! Me dão um arrepio defazer bater os dentes!
- PAI - Já que você veio, tem que beber um pouco. Eu vou buscar.
- PEER - Obrigado. Quero dançar. Não estou com sede.
- NOIVO - Você não dança, Peer?
- PEER - Danço.
- NOIVO - Então você entrou na festa com o pé esquerdo. (Ao pai)
 Pai, ela não quer nem por nada.
- PAI - O que? O que ela não quer?
- NOIVO - Abrir.
- PAI - (Furioso, a meia voz) - Você não devia ter se casado!
 um idiota!

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MULHER 1 - Não se preocupe. Coitadinho! Tudo vai dar certo, meu caro.

NOIVO - Quer um pouco de aguardente, Peer?

PEER - Não.

NOIVO - Um gole só!

PEER - (Olhando com olhar ameaçador) - Você tem prá me dar?

NOIVO - Talvez (Tira um frasco do bolso e bebe)-Uhm! É uma delícia! Então não quer ?

PEER - Deixa eu experimentar.(Bebe)

NOIVO - Agora prova esta outra.

PEER - Não.

NOIVO - Deixa disso! Se fazendo de rogado! Bebe logo, Peer!

PEER - Me dá só uma gota.(Bebe)

MULHER 1 - (À meia voz) - Vem, vamos embora.

PEER - Senhorita, por acaso está com medo de mim ?

MULHER 2 - Quem não tem medo de você ?

PEER - Vocês ainda não viram nada.

MULHER 3 - (A meia voz) - Já está pegando ...

MULHER 1 - Conta! Conta! O que você faz ?

PEER - Esperem até amanhã.

NOIVO - Você sabe fazer feitiçaria, é?

PEER - Sei invocar o Diabo.Ninguém é capaz de igualar minhas façanhas! Uma vez fiz o diabo entrar dentro de uma avelã, uma avelã cheia de vermes, entenderam?

MULHER 1 - Claro, claro, já sabíamos.

PEER - Tapei o buraco com um pedacinho de madeira. Caramba! Como ele zumbia, preso na casca!

MULHER 1 - Meu Deus do Céu!

PEER - Parecia uma vespa enfurecida!

MULHER 1 - E ainda está preso na avelã ?

PEER - Não, já foi embora. Depois de muito tempo quebrei a avelã com uma marmelada.

MULHER 1 - É verdade ?

MULHER 2 - É bem boazinha está história!

MULHER 1 - Acho que é a melhor que você já inventou!

PEER - Ah, voces pensam que estou inventando, é ?

PAI - Não, isso eu posso afirmar que não. Meu avô já tinha me contado a maior parte das histórias que você conta.

PEER - Mentira! Tudo isto aconteceu mesmo comigo!

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MULHER 3 - Ah, é o que todos dizem!

PEER - (Com élan) - Pelo santo nome de Deus! Eu sou capaz de atravessar os ares montado num cavalo com ferraduras de prata! (Gargalhadas)

MULHER 2 - Então dá uma demonstração.

TODOS - Isso mesmo, Peer! Por favor!

PEER - Não é preciso pedir tanto! Vou passar como um furacão por cima da cabeça de vocês e a cidade inteira vai cair de joelhos diante de mim.

MULHER 2 - É louco varrido!

PAI - Embusteiro!

MULHER 1 - É só prosa.

MULHER 3 - Palhaço!

PEER - Pois esperem só! Vocês vão ver.

PAI - Você sim que não perde por esperar. Vão te dar uma surra!

MULHER 3 - Você vais ver estrelas em pleno dia.

PEER - Ah, enfiar a faca na barriga de todos!

NOIVO - Me diga uma coisa, Peer! É verdade que você é capaz de cavalgar pelos ares?

PEER - (Com energia) - É sim, Matz.

NOIVO - Então você deve ter também a roupa que torna as pessoas invisíveis?

PEER - O chapéu, você quer dizer. Tenho sim.

NOIVO - Será que você não arranjava um jeito de me fazer entrar onde está a minha noiva?

PEER - A noiva? Onde é que ela está?

NOIVO - No celeiro.

PEER - Ué, e daí?

NOIVO - Olha, Peer, escuta: Por favor, experimenta, eu te peço!

PEER - Eu não. Você que se arranje sozinho. (Mudando de idéia e com tom áspero) - Ingrid está no celeiro?

NOIVO - Se você me ajudar, eu te dou uma vaca de presente.

PEER - Vem cá (Desaparecem)

MULHER 2 - O noivo vai bater no Peer Gy t, é?

MULHER 1 - É melhor a gente mandar ele contar mentiras pra gente rir.

ASA - (Chega com uma vara) - Meu filho está por aqui? Vou dar uma sova nele que ele vai ver! Vai me fazer um bem.

PAI - (Dobrando as mangas da camisa) - Não é de vara que este bobalhão tá precisando não!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MULHER 3 - O Matz vai quebrar as costelas do Peer.
ASA - O Matz ? No meu filho ? Ele que experimente só prá ver.
NOIVO - (Chega correndo) - Ah, meu Deus! Meu Deus do Céu! Pai! Venham todos!
PAI - O que foi? O que foi ?
NOIVO - Peer Gynt ...
ASA - (Gritando) - Mataram ele ?
NOIVO - Não, Peer Gynt! Olhem lá prá cima!
TODOS - Peer e a noiva!
ASA - Ah, bandido.
MULHER 1 - (Estupefata) - Senhor Todo Poderoso! Olha como ele escala a montanha! Parece um cabrito montês.
NOIVO - Pai, ele carrega ela como se ela fosse uma ovelhinha.
ASA - (Ameaçadora) - Quem dera que você despencasse do alto! e ... (Com angustia) - Cuidado! Não vá resvalar! ...
PAI - Eu vou matar aquele descarado!
ASA - Ah, isso é que não! Primeiro você tem que passar por cima do meu cadaver, por Deus do Céu.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TEXTO 4

" Gosto das casas em construção, dos bairros em demolição, das pessoas que chegam atrasadas aos encontros. O provisório é a minha condição favorita. Gosto desta sensação de ser um basbaque no interior da minha própria vida.

Tudo o que faço, faço-o sempre como se fosse sob a ameaça de uma catástrofe , como se um terremoto fosse acontecer em alguns instantes. É estimulante. Quando criança, não conseguia dominar-me à aproximação da trovoadá.

Sempre que faço algo tenho a impressão de correr na beira de um abismo, tenho a sensação de estar a ponto de quebrar o pescoço. "

Federico Fellini

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA III

Uma estrada apertada na montanha. Amanhece. Peer Gyt anda rapidamente, visivelmente contrariado. Ingrid, em parte ainda vestida de noiva, procura detê-lo.

- PEER - Me deixa! Vai-te embora!
- INGRID - Depois do que aconteceu ? Vou prá onde ?
- PEER - Prá onde você quiser! Estou pouco ligando.
- INGRID - Ah, Meu Deus do Céu! Traidor! Traidor!
- PEER - Prá que perder tempo com bobagens ? Cada um é livre de seguir o seu caminho.
- INGRID - Não! Não! Nós cometemos um crime!
- PEER - O passado que vá pro diabo que o carregue!
- INGRID - Mas o que eu vou fazer da minha vida ?
- PEER - Ah, vai-te embora, vai! Volta prá casa de onde você saiu! Anda logo! Volta prá casa do teu pai!
- INGRID - Você não pensa no que está dizendo.
- PEER - Pensó e quero.
- INGRID - E por que você me tirou de dentro daquele celeiro?
- PEER - Ué, prá salvar você. Você não estava morrendo de medo do seu noivo ?
- INGRID - E agora eu fico aqui abandonada?
- PEER - Por que não? Salvei você quando você precisava. Que me importa o resto da sua vida ? (Quer afastar-se)
- INGRID - (Impedindo-lhe a passagem) - Você sabe que é um idiota?
- PEER - Ah, é, é? E daí ?
- INGRID - Eu estava tão infeliz ...
- PEER - E eu estava bêbado.
- INGRID - Pois sim! Mas você me paga.
- PEER - O preço você é quem faz! Não vou regatear...
- INGRID - É a sua decisão final ?
- PEER - Sólida como uma rocha!
- INGRID - Muito bem! Vamos ver quem chora por último. (Desce pelo caminho)
- PEER - (Fica um momento imóvel e depois grita) - O passado que vá pro diabo que o carregue! (Afastam-se em direcções opostas)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA IIII

- SOLVEIG - Quem é você?
- PEER - Eu sou Peer Gynt. Como é o seu nome ?
- SOLVEIG - Eu me chamo Solveig. Sou da família dos forasteiros que se instalaram lá embaixo no mes passado.
- PEER - Você tem vergonha de mim por que tenho aspecto de vagabundo, não é ?
- SOLVEIG - (Vivamente) - Não é verdade ! Você não tem nem um pouco aspecto de vagabundo!
- PEER - E além do mais, estou meio bêbado. Vem cá!
- SOLVEIG - Não tenho coragem.
- PEER - E você tem medo do que?
- SOLVEIG - De meu pai, principalmente.
- PEER - Do teu pai? Ah, é verdade. Ele tem cara de crente. E é mesmo?
- SOLVEIG - O que é que você quer que eu diga?
- PEER - Se o teu pai é rato de igreja. Quem sabe tua mãe também é ? E você, Hein ?
- SOLVEIG - Deixa eu passar!
- PEER - Não. (Com tom rude e ameaçador)- Eu sei me transformar em fantasma. A meia-noite vou aparecer na beira da tua cama. Se você ouvir o barulho de alguém gemendo e roncando feito um gato, sou eu. Está ouvindo ? Vou chupar o teu sangue e botar numa xícara. Por que de noite, está entendendo, eu viro fantasma. E eu vou te morder a barriga da perna. (Mudando de tom imediatamente e agora com angustia)- Vem dançar comigo, Solveig!
- SOLVEIG - (Olhando tristemente para ele) - Você foi mau. (Sai correndo)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TEXTO 5

Se me dissessem: Faltam-te 20 anos de vida, que queres fazer das 24 horas de cada um desses dias que vais viver ?

Respondia: Dêem-me 2 horas de vida ativa e 22 horas de sonho, com a condição que possa lembrar-me dele - Por que o sonho só existe através da memória que o acaricia.

Tenho um prazer louco pelo sonho, pelo prazer de sonhar. Tenho frequentemente um sonho comum às pessoas de teatro: tenho de repente, no espaço de alguns minutos, de desempenhar em cena, um papel do qual não conheço a primeira palavra. Inquieto-me, desnorteio-me, o público impacienta-se e assovia, corro para alguém e digo: Mas é terrível, que posso fazer ? Ele responde friamente que tenho que entrar em cena, que a cortina está abrindo e que não se pode esperar mais. A angústia é extrema."

Luis Bunuel

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA V

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Um lago de montanha de margens umidas e pantanosas.

Está iminente uma tempestade.

- ASA - (Olha para todos os lados e grita angustiada. Solveig, a seu lado, tem dificuldade em segui-la. Pouco atrás, os pais de Solveig gesticulando muito) - Estão todos contra mim! Tudo me esmagando. O céu, a água e todas essas montanhas malditas. O céu manda neblina prá ele se perder nos vales! A água traiçoeira se esconde prá pega-lo! Montanhas ameaçam com avalanches! E os homens ficam caçando ele! Prá mata-lo! Ah, meu Deus todo poderoso! (Voltando-se para Solveig) - Então? É coisa de se acreditar? Ele, que só sabia contar mentirase nunca fez nada que prestasse! Logo ele! Ah, sempre estivemos unidos, nos tempos bons e nos ruins. Por que você fique sabendo que o meu marido só sabia beber e bater perna pela aldeia. Em loucuras, em besteiras consumiu tudo o que nós tínhamos. E o tempo todo, eu, em casa, cuidando do meu menino PEER. Por que nunca tive coragem prá enfrentar meu marido de peito aberto! Depois, é fácil deixar de lado a tristeza e não se preocupar com nada. Tudo serve prá isso: uns agarram a garrafa de bebida, outros apelam prá imaginação. Pois é. Foi assim que nós apelavamos para as histórias de príncipes, de gnomos, de bichos encantados! E de noivas rapatadas diante da igreja! Ah, quem podia imaginar que todas essas invenções do diabo iam acabar virando o juízo dele? (Voltando a ficar angustiada) - Ah, que grito é esse? De alguma assombração ou de um vampiro, por Deus do Céu? Peer, Peer! Ali! Ali! Lá no alto daquela colina (Corre e olha para longe. Os pais de Solveig conseguem alcançá-la) - Não dá prá ver nada!
- PAI - (Pensativo) - Azar o dele.
- ASA - (Chorando) - É, é, ele esta perdido.
- MÃE - Perdido. É a palavra certa.
- ASA - Nem diga isso! Ele é tão esperto! Não existe ninguém mais sabido do que ele.



PAI - Você é uma malvada.

ASA - É verdade, eu não valho nada, meu filho é que é um tesouro!

MÃE - (Sempre no mesmo tom velado e com a mesma doçura grave na voz e no olhar) - Ele tem um coração de pedra e vendeu a alma ao diabo.

ASA - (Com angustias) - Não, não é possível! Nosso Senhor não é sem misericórdia!

MÃE - Você acha que o seu filho é capaz de se arrepender?

ASA - (Com vivacidade) - Ah, isso eu não garanto. O que eu sei é que ele é capaz voar montado num cabrito mântes.

MÃE - Meu Deus, você ficou louca ?

PAI - Pode ser que na mão docarrasco o coração dele amoleça e ele se arrependa!

ASA - (Confusa e abatida) - Você ainda vai me fazer desmaiar. Precisamos achá-lo de qualquer maneira.

PAI - Sim, para salvar a sua alma.

ASA - E o corpo também. Se ele estiver atolado na lama, nós vamos tira-lo!

MÃE - Ah! Por aqui há um caminho.

ASA - Deus te abençõe por me ajudar.

PAI - É dever de cristão.

ASA - Então os outros são pagãos, pois nenhum quis me acompanhar.

PAI - Por que já o conhecem de sopra

ASA - Vale mais que eles todos juntos. Ah, quando eu penso que talvez nem o encontre mais vivo.

SOLVEIG - Por aqui há uns rastros.

ASA - É por aqui que a gente tem que ir.

SOLVEIG - (Dirigindo-se a Asa) - Fale mais dele.

ASA - (Enxugando as lágrimas) - Do meu filho ?

SOLVEIG - É me conte tudo.

ASA - (Sorrindo e empertigando-se de orgulho) - Tudo? Te - ria muito o que contar. Você ia perder a paciência de escutar.

SOLVEIG - É mais fácil a senhora se cansar de falar do que eu de escutar.



TEXTO 6

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025

VIDA - s.f.l.- Conjunto de propriedades e qualidades graças às quais animais e plantas, ao contrario dos organismos mortos ou da matéria bruta, se mantem em contínua atividade.

2.- Estado ou condição dos organismos que se mantem nessa atividade desde o nascimento até a morte.

3.- Existência.

4.- O espaço detempo que decorre do nascimento à morte.

5.- A vida humana.

6.- O tempo de existência ou funcionameto de uma coisa.

7.- Biografia.

8.- Modo de viver.

9.- Atividade que alguém desenvolve em determinado setor, como ocupação individual ou como ocupação de grupo.

10.- As atividades de qualquer grupo humano.

11.- O que éessencial para que algo subsista; base fundamento.

12.- O que representa para alguém estímulo, de amor à vida.

13.- O que representa fôlego, vitalidade, força, ânimo, entusiasmo.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira



CENA VI

PEER

- (Chegando esbaforido de correr) - A aldeia toda está atrás de mim! Estão armados de bastões e fuzis. O primeiro da fila é o pai da noiva, gritando como um possesso! Muito Bem! Pelo menos agora já se fala de Peer Gynt. É uma coisa séria, não é como uma briga banal. Ah, isso sim é que é viver. Faz a gente sentir-se feroz como um urso. (Dá pulos e luta à direita e à esquerda com inimigos imaginários) - É desafiar! Lutar! Nadar contra a correnteza! Atacar! Derrotar! Arrancar as árvores pela raiz! Isso é que se chama viver! Faz bem a alma e reanima o coração! Pro inferno com as lorotas e coisas de criança. Eu quero voar alto e mergulhar no ar frio das alturas. Quero subir, sumir. Quero ir mais longe que as paisagens das montanhas. Quero atalmar meu coração cavalgando. Quero cruzar o mar salgado. Quero ser mais que o príncipe da Inglaterra !

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-02



A MULHER DE VERDE - (Parando) - Isso que você está dizendo é sério?

PEER - (Com um gesto que indica juramento) - Tão certo com eu me chamo Peer Gynt.

MULHER - E você não vai me bater?

PEER - O que você está dizendo? Onde já se viu um filho de rei bater em alguém?

MULHER - Ah, você é filho de rei?

PEER - Sou sim.

MULHER - E eu sou filha do rei da Serra de Dovre.

PEER - Ah, é, é? Sim, senhora, hein? Quem diria, hein? Pois olha, eu acho isso formidável, sabe?

MULHER - Meu pai tem um castelo em Rondan.

PEER - Ah, mas o da minha mãe é muito maior!

MULHER - Você conhece o meu pai, O Rei Brose?

PEER - Você conhece a minha mãe, a Rainha Asa?

MULHER - Quando o meu pai se zanga, a montanha toda treme.

PEER - Quando a minha mãe ralha, desmoronam avalanches.

MULHER - Não existe um arco que o meu pai não possa retesar.

PEER - Não existe um cavalo que minha mãe não possa montar.

MULHER - Você não tem outras roupas, além desses farrapos?

PEER - Se você visse o meu traje de gala ...

MULHER - Eu vivo sempre no meio de ouro e de sedas.

PEER - Eu acho que é mais entre o capim e a estopa.

MULHER - É uma aparência ilusória. Fique sabendo que entre nós tudo tem um aspecto duplo. Assim, por exemplo, se você for visitar o castelo do meu pai, pode se até que pense que está diante de um montão de pedras.

PEER - É igualzinho como na nossa casa. Você vendo nosso ouro vai pensar que é palha e barro.

MULHER - Venha conhecer o meu castelo.

PEER - Para o Castelo do Rondan!

TEXTO 7

" O ator é um atleta do coração. O que sustenta o atleta ao correr é o mesmo que sustenta o ator ao gritar em cena, mas o percurso do do ator é inteiramente interior."

Antonin Artaud



CENA VII

No castelo do velho de Dovre. Reunião geral dos duendes. O velho de Dovre está sentado no trono. Peer Gynt está de pé diante dele. Grande agitação na sala)

- DUENDES - Que morre! Um cristão entrou no castelo com a filha de nosso rei, o Velho de Dovre!
- VELHO D. - Silêncio! Sangue frio! Já faz tempo que estamos de cadentes e não devemos recusar a aliança com os humanos sem motivo. Além disso, não se tem muito o que criticar nesse jovem. É verdade que só tem uma cabeça, mas minha filha que é minha filha também só tem uma. Os duendes de tres cabeças já sumiram quase todos. Até os de duas estão escasseando, isso sem falar na qualidade das cabeças. (Dirigindo-se a Peer Gynt)- Então você me pede a mão de minha filha ?
- PEER - E teu reino como dote.
- VELHO - Eu te concedo a metade enquanto eu estiver vivo eo resto depois da minha morte.
- PEER - Prá mim chega.
- VELHO - Calma! Primeiro temos algumas condições a te impor. Se você falhar em qualquer delas, nosso pacto se desfaz e ficaremos com a tua pele. A primeira é que você nunca mais ponha os pés fora dos limites de Rondan. Temeiras a luz do sol e todos os atos que ela ilumina.
- PEER - Que me importa se eu sou rei.
- VELHO - Agora vou por a prova a tua inteligência. Qual é a diferença entre um duende e um homem ?
- PEER - Que eu saiba, nenhuma. Os duendes querem assar e arrancar. É o que os homens também fariam com os seus semelhantes se tivessem coragem.
- VELHO - Está certo. E há outras semelhanças. Mas o dia é o dia e a noite é a noite. Um homem, apesar das aparências, não é identico a um duende. Vou te dizer em que mais eles diferem. Lá, no mundo dos humanos, costumam dizer: "Homem, sê tu mesmo". Aqui, sob estas abóbodas, dizemos: "Duende, Basta a ti mesmo".

Teatro de Arte
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-07



PEER - A comparação me parece obscura

VELHO - "Bastar-se", meu filho, é uma palavra clara e forte, que deve tornar-se teu lema.

PEER - (Coçando a cabeça) - Humm! ...

VELHO - Sem isso, nunca poderás comandar.

PEER - Estou pouco ligando, prá mim tanto faz!

VELHO - E tem mais: Para bastar-se a si mesmo a aparência de tudo é ilusória. A vaca produz os doces e o boi o mel. O gosto não tem importância. O importante é como vemos as coisas. (Oferece bebida).

PEER - (Afastando a bebida) - Maldita seja essa horrenda bebida de vocês! Nunca vou me acostumar!

VELHO - Se você beber, ganhará a taça, que é de ouro. E ser dono dela é conquistar meu reino.

PEER - Eu espero me acostumar um dia.

VELHO - Agora você precisa tirar essa roupas de cristão. Não recebemos nada do vale lá em baixo. A não ser o laço de seda que enfeita a nossa cauda.

PEER - (Furioso) - Pois fique sabendo que eu não tenho cauda nenhuma.

VELHO - Não seja por isso. Nós te damos uma com o maior prazer. Vamos pregar-lhe um rabo de gala.

PEER - Ah, isso é que não.

VELHO - Não se pode andar por ai assim com a bunda limpa.

PEER - Transformar um homem numa besta?

VELHO - Não é nada disso, meu filho. O que eu quero é fazer de você um rei apresentavel.

PEER - (Refletindo) - Ora, quer saber de uma coisa? O homem; no fundo, é poeira vã ... E depois, é preciso acatar os costumes do país. Esta bem! Podem me por o rabo!

VELHO - Você é dócil, meu caro.

DUENDEMOR- Agora, experimenta! Vamos ver se você sabe usar o rabo com graça.

PEER - (Grosseiro) - Que mais que vocês vão inventar agora? Será que terei que abjurar até da minha fé cristã?

VELHO - Absolutamente. Pode conserva-la, se te faz gosto. Para nós a fé é uma mercadoria que passa livre sem taxa de alfândega. É pela casca e pelo corte que se reconhece um duende.



- VELHO - Mas você é livre de acreditar no que quiser.
Pode chamar de fé, por exemplo, aquilo que chamamos de medo.
- PEER - Estou vendo que você é mais razoável do que eu esperava
- VELHO - Meu filho, a fama de um homem vale mais do que o próprio homem, mas nós, duendes, valemos mais do que a nossa fama. Lembre-se: Você vê tudo com o sentido de um homem! Você despojou-se de sua roupagem cristã, bebeu nosso hidromel, pregou um rabo. Agora meu filho, você vai precisar de uma operação séria para te livrar desta maltida natureza humana.
- PEER - Operação? Que operação?
- VELHO - Vou te arranhar um pouco o olho esquerdo. Você vai ficar um pouco vesgo, é verdade, mas em compensação tudo que você enxergar será lindo e alegre. Depois então te arranco o olho direito, pronto!
- PEER - Hei, você está bêbado?
- VELHO - (Colocando sobre a mesa alguns instrumentos cortantes)- Está vendo isso aqui? São os meus instrumentos. E como sou bom vidraceiro, vou te fazer um lindo olho de boi, dos grandes.
- PEER - Mas isso é conversa de louco varrido.
- DUENDEMOR- Cala o bico e deixa o Velho de Dovre falar! Você é que é louco, ele é o certo.
- VELHO - Para um pouco prá pensar! Imagina quantos sofrimentos e desgostos você podia se poupar. Lembre-se que os olhos são a fonte das lágrimas.
- PEER - Ah, isso é verdade. Mas me diga uma coisa: Quanto tempo demora prá um olho operado voltar a ser um olho humano igual aos outros?
- VELHO - Nunca mais, meu filho.
- PEER - Ah, é? Então, meu caro, sabe o que eu te digo: Muito boa noite e obrigado por tudo.
- VELHO - E aonde você pensa que vai?
- PEER - Vou continuar meu caminho, igual como antes.
- VELHO - Alto lá! É fácil entrar nos domínios do Velho de Dovre, mas sair é impossível!
- PEER - Por que? Vai usar de violência?
- VELHO - Escute, príncipe Peer, e seja razoável! Você tem um



- VELHO - talento natural para bruxo, não é ? Todos já te tomavam por um duende, fácil, fácil, ou quase. E você agora quer desistir?
- PEER - Quero sim. Prá ganhar um reino estou disposto a fazer alguns sacrificios pequenos. Mas tudo tem um limite. Primeiro, me puseram um rabo, mas sou livre de tira-lo quando eu bem entender. Depois abri mão das minhas roupas, que alias, já estavam bem velhas, mas posso traja-las quando me der na veneta. E digo mais: Se vocês fizerem questão eu posso até jurar que uma vaca é uma donzela linda porque um juramento, pensando bem, se digere com a maior facilidade. Mas daí a ceder a minha liberdade e condenar-me a ser um duende pro resto da vida e não poder nunca mais voltar atrás, não senhor. Pois fique sabendo que não consentirei, nem há força no mundo capaz de fazer mudar de idéia.
- VELHO - Hu, hu, hu! Você vai acabar é me irritando de verdade! Estou falando sério. Você, seu fedlho, começa entrando no meu castelo ...
- PEER - Abre a porta! Quero ir embora daqui.
- VELHO - (Olhando com profundo desprezo) - Mãos a obra, meus filhos, Podem joga-lo contra os rochedos prá acabar com ele. Já estou de mau humor e com sono. Boa Noite prá todos. (Vai-se embora)
- PEER - (Perseguido pelos duendes) - Me deixem em paz , ninhada do diabo ! (Tenta fugir)
- 1 DUENDE - Mordam a bunda dele!
- PEER - Ai! (Quer fugir)
- DUENDE 2 - Fechem todas as saídas.
- PEER - Socorro, mamãe! Estou morrendo, socorro! (Ao longe soam sinos de igreja)
- 1 DUENDE - Barulho de sinos? Vamos fugir, minha gente! Lá vem o rebanho de homens de saia preta! (Gritos e tumulto. Os duendes fogem. Tudo desaparece)



CENA VIII

Escuridão completa. Ouve-se Peer Gynt fustigar o ar com um ramo de árvore)

- UMA VOZ - Ssss ...Sssss...
- PEER - Responde, quem é você?
- VOZ - Eu sou eu.
- PEER - Desaparece, some do meu ouvido.
- VOZ - Dá meia volta. A estrada é muito longa.
- PEER - (Tenta passar para o outro lado mas encontra resistência) - Quem é você ?
- VOZ - Eu sou eu. Você pode dizer o mesmo a seu respeito?
- PEER - Posso dizer o que eu bem entender e sei manejar espada. Em guarda! Toma, apanha essa! Saul matou cem e PEER GYNT, mil! (Golpei com toda força) - Quem é você? Quem é você ?
- VOZ - Eu sou eu.
- PEER - Que resposta imbecil. Isso não quer dizer nada. Quem é você ?
- VOZ - A grande Curva!
- PEER - Até que enfim! Passamos do preto para o branco. Para trás curva!
- VOZ - Você vai dar meia volta, Peer?
- PEER - Vou te atravessar com a espada de ponta a ponta (Investe com fúria) - Ah, caiu, finalmente. (Quer passar mas encontra resistência) - Hei, tem mais alguém aqui?
- VOZ - A curva, Peer Gy nt. Sempre a mesma coisa. A curva ferida. A curva morta. A curva sempre viva.
- PEER - (Jogando longe o ramo de árvore) - Essa arma está enfeitada! Não faz mal, meus braços são fortes. (Golpeia com os braços mas não consegue passar).
- VOZ - Isso, confia nos teus braços! Confia na força bruta. Ah, Peer, você vai longe.
- PEER - (Retrocedendo de novo) - Não consigo dar um passo adiante. Pra qualquer lado que eu vire, é a mesma coisa. Ele me cerca daqui, dali, me cerca todo. Quando eu penso que estou saindo do círculo, estou sempre no centro. Revela teu nome. Deixa eu te ver. Quem é você afinal?



VOZ - A Curva.

PEER - (Sentando-se) - Nem vivo, nem morto. Névoa. Quero ver você mesmo se ferir, vamos.

VOZ - A Curva é muito esperta.

PEER - Vamos, fere.

VOZ - A Curva não fere nunca.

PEER - Luta, Eu quero que você lute!

VOZ - A Grande Curva vence sem lutar.

PEER - Eu queria alguém de concreto para lutar comigo. Qual-quer coisa! Mas não vejo ninguém. Vamos, um pouco de violência.

VOZ - A Grande Curva vence sempre pela doçura.

PEER - Onde você está Grande Curva ?

VOZ - Não importa aonde eu esteja, mas você vem vindo mim. Devagar, mas vem.

PEER - Mas eu não estou indo para lugar nenhum.

VOZ - Está sim. Bem devagarinho, bem devagarinho, você está vindo para a Grande Curva.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fones: 226.0242 - CEP 90020-025



TEXTO 8

" O velho pintor Wang-Fô e seu discípulo Ling erravam ao longo das estradas do reino de Han. Avançavam lentamente, porque Wang-Fô parava à noite para contemplar os astros e durante o dia para admirar as libélulas. Levavam bagagem reduzida porque Wang-Fô amava a imagem das coisas e não as coisas em si mesmas.

O velho pintor percorria as estradas se apoderando da aurora e guardando consigo o crepúsculo."

Marguerite Yourcenar



CENA 9

Um quarto na casa de ASA, em completa desordem: baús abertos, roupas espalhadas por todos os cantos. Um gato escarrapachou-se em cima da cama.

ASA e KARI, mulher de um agregado, estão ocupadíssimas, fazendo malas, encaixotando coisas e pondo tudo em ordem.

ASA - (correndo de um lado para o outro): Hei, Kari, escuta!

KARI - O que é?

ASA - (correndo de um lado pra o outro): Kari, escuta!...

Onde é que está?... Onde foi mesmo que eu guardei?... Vamos, responde logo, mulher!... Cadê... O que é mesmo que eu estou procurando? Nem sei onde com a cabeça! Onde está a chave do baú?

KARI - Na fechadura.

ASA - Que barulho é esse? Estou ouvindo passar um carro!

KARI - São coisas que estão levando embora. As últimas coisas.

ASA - (chorando) Ah, quem me dera que fosse a mim que estivessem levando pro cemitério, eu ficaria tão satisfeita! Olha a casa como já está vazia! O que o fazendeiro me deixou, o juiz carregou! Me levaram tudo, até deixar a gente pelada! Vergonha, é isso mesmo, que vergonha prá quem lavrou essa sentença! (sentando-se na beira da cama) Casa, terreno, me tiraram tudo! Pronto, nossa família não tem mais um vintém! Meu filho estava longe, eu não tinha ninguém prá me ajudar...

KARI - Mas te deixaram ficar aqui até morrer.

ASA - Deixaram como quem joga uma esmola.

KARI - Por Deus do céu, como teu filho te saiu caro, hein, Asa?

ASA - Quem, o Peer? E essa agora! Eu acho que você tá ficando louca! Por acaso a noiva não voltou prá casa sã e salva? Não? O juiz não podia ter dado esta sentença ao



meu filho. Ele não fez nada. A noiva voltou para a casa e o juiz tirou tudo que eu e meu filho tínhamos.

KARI - Eu não entendo o teu filho Peer Gynt...

ASA - Deixaram prá ele esta jaqueta. Vou remendá-la. Quem dera eu tivesse ficado com o casaco dele também! E as calças, onde estão?

KARI - Ali naquela pilha.

ASA - (remexendo e procurando) O que é isso que eu estou pergando aqui, Kari? Uma forma velha que ele usava prá brincar de fundidor! Derretia estanho, prensava, moldava. Um dia, era festa em casa, o Peer Gynt pediu estanho pro pai. "Que estanho!", disse o Jan, "Te dou é prata! Toma, uma moeda com a efígie do rei. É prá todo mundo saber que você é o filho de Jan Gynt!" Que Deus perdoe meu pobre falecido! Estava numa bebedeira que prá ele naquela hora tanto fazia estanho como ouro: era tudo a mesma coisa! Ah, olha aqui a calça! Tá que é buraco só! Temos que remendar isso, Kari!

KARI - Tá precisando mesmo.

ASA - Depois vou me deitar. Tou me sentindo toda dolorida, toda doente! (alegre) Olha aqui, Kari! Duas camisas de flanela que eles esqueceram!

KARI - IH, é mesmo!

ASA - Acho ótimo. Você esconde uma. Pensando bem, é melhor a gente ficar com as duas, sabe? A que ele está usando já está toda poída!

KARI - Credo, mãe Asa, e não é pecado?

ASA - É, é, mas quantas vezes você já ouviu o pastor dizer que há muitos pecados que Deus perdoa?



CENA XIII

PEER GYNT está empoleirado numa árvore. Cansado.
Suado. Amanhece e ele está acordando.

- PEER - "A noite não se parece com a manhã". Já se pensou muito sobre esta sentença profunda. (Espreguiça-se) - Ah, como a gente se sente bem assim, perto do céu e com a alma elevada. (Entra um ladão árabe com um saco) - A manhã traz esperanças douradas.
- LADRÃO - O que você está fazendo em cima desta árvore?
- PEER - Eu dormi aqui em cima. A noite toda. Um leão enorme me perseguiu. Quase me comeu.
- LADRÃO - De onde você vinha ?
- PEER - Da costa. Quatro bandidos roubaram meu iate carregado de ouro. Já tive quase tudo e agora não tenho nada.
- LADRÃO - Então os quatro bandidos tem quase tudo.
- PEER - Os quatro bandidos não tem absolutamente nada, nem a si mesmos. Explodiram, foram pelos ares. Eu vi da praia. Eles levaram o meu iate pra dentro do mar. O barco foi ficando cada vez menor, menor. De repente uma labareda enorme saiu da chaminé. Apareceu uma fumaça espessa e se escutou uma explosão. Dei um grito e me deitei na areia. Daí uns instantes, a fumaça se dissipou e o iate desapareceu.
- LADRÃO - É castigo! Afundou tudo!
- PEER - Não ficou nem um parafuso. Bendito golpe de sorte!
- LADRÃO - Eles morreram e você se salvou.
- PEER - Mas estou no meio do deserto. Onde vou encontrar comida e bebida ?
- LADRÃO - Você acaba achando alguma coisa, não tem perigo. Alguém mais alto que você previu isso. E, se deu um cálice amargo prá você, é por que sabe que você é capaz de aguentar.
- PEER - Mas quem é você ? (Descendo da árvore) - Um padre disfarçado ?
- LADRÃO - Não, eu não vivo da pobreza dos outros.
- PEER - Vive do que?
- LADRÃO - Vivo da riqueza dos outros.



- PEER - O que é que você é ?
- LADRÃO - Eu sou um ladrão.
- PEER - Outro? Mas só me aparece ladrão pela frente!
- LADRÃO - Calma! Você não tem nada prá eu roubar.
- PEER - Hum! (Pega um binóculo e sobe na árvore)- Um caracol coloca seus chifres prá fora. Ele carrega a sua casa e se basta a si mesmo. (Refletindo)- Basta-se a si mesmo? Onde foi que eu li isso? Acho que foi quando eu era criança num livro velho de mágica. À medida que envelheço, vou perdendo aos poucos a memória. (Desce. Ascende um cigarro. Estende-se no chão e contempla o deserto).
- LADRÃO - "Seguirás teu caminho", diz o Alcorão. Estão atrás de mim. Querem me enforcar.
- PEER - O deserto. Que solidão imensa, sem fim! Terra quente, árida, inútil. Porque será que é assim?
- LADRÃO - (Sobe na árvore)- E aquela superfície brilhando lá longe, será o mar? Que nada, deve ser uma miragem. O mar está aqui do lado oeste. Lá as ondas batem contra um dique de colinas que separam o mar do deserto.
- PEER - (Num salto) - O que? Um dique? Então quer dizer ... Um dique! Basta então corta-lo e construir um canal para inundar o deserto. Trazer a água pra cá? (Sobe também na árvore)
- LADRÃO - Transformar tudo isso numa terra verdejante? Poder plantar e colher.
- PEER - Sim e por onde passam as caravanas, vão passar barcos à vela.
- LADRÃO - Soprados pela brisa!
- PEER - Uma chuva fresca cairá e agitará as palmeiras, os coqueiros e as tamareiras! Vou fundar uma cidade com o meu nome!
- LADRÃO - Da noite para o dia esta terra será colonizada. Casas, edifícios, estradas, portos.
- PEER - O berço de uma nova cultura. Num oásis rico, no meio do meu oceano, introduzirei a raça norueguesa!
- LADRÃO - Com um pouco de cruzamento árabe tudo está feito.
- PEER - O mundo antigo chegou ao fim, começa uma nova era! A era de Peer Gynt e da minha terra recém criada.



LADRÃO - (Desce) - Então eu vou te dar o que roubei. Assim não preciso fugir mais. Sigo livre o meu caminho sem este fardo. Já não vou mais ser enforcado.

PEER - E o que foi que você roubou?

LADRÃO - O traje sagrado do Imperador.

PEER - Im-pe-ra-dor! Finalmente serei Imperador! (O Ladrão começa a vesti-lo) - Então é verdade que a fé remove montanhas. Imperador! (O Ladrão termina de vesti-lo e sai).



TEXTO 13

" Um ator de cinema escreveu um belo poema sobre a saudade de casa. Ele vivia viajando de um lado para outro, passando as noites em camas estranhas. Em sua bagagem tinha um grande maço de escritos. Uma mala cheia de folhas amassadas e algumas encardidas. Papel de hotéis do mundo inteiro. Uma vida secreta que ele carregava consigo para não ser tão estrangeiro nestas terras ."

Liv Ullmann



CENA XIV

Um Oásis. Uma tenda de árabe. Peer Gynt toma café fumando chibouque (cachimbo Turco).

PEER - Sou o senhor do tempo e do futuro. Atravessei o mar de areia e cheguei até este recanto obscuro. Vim pelo deserto e tudo reluz ao toque da minha roupa de rei. Agora não sou mais rei, sou profeta. Está escrito: "Ninguém é profeta em sua terra", e é verdade. Estou muito mais a vontade aqui do que no meio dos grandes negocios. Ser alguém pela força do dinheiro é como construir uma casa na areia. O homem comum se arrasta e abana o rabo diante dos anéis de ouro, tira o chapéu. Mas os anéis não fazem ninguém. Profeta! Já pelo menos uma posição diante da vida! A gente sabe onde pisa. Quando a gente é bem recebido é por nós mesmos não pelo dinheiro que a gente tem! Cada um é o que é, mais nada. Profeta! é uma coisa de que eu gosto! E isso me veio assim tão de improviso, bastou eu atravessar o deserto. Tinham roubado a roupa do imperador do Marrocos. O ladrão quando se viu perseguido, largou tudo. Eu peguei a roupa e aqui estou, com essa fantasia, no meio destes árabes. Sou profeta! Para eles, não há dúvidas. Não tenho a intenção de engana-los. Mentir e profetizar são coisas diferentes. Além do que, posso sempre sumir a tempo. Não tem perigo. Não estou preso a nada. Posso ir do mesmo jeito que vim. Meu cavalo está selado. Em resumo: Sou dono da situação.

ESCRAVA - (Aproximando-se) - Profeta!

PEER - O que quer a minha escrava?

ESCRAVA - Chegaram filhos do deserto. Estão diante da tenda e pedem para contemplar a sua face.

PEER - Alto lá! Diz prá eles ficarem a distância! Só quero preces rezadas bem de longe. Diz prá eles que não tolero homens em minha tenda! Os homens, minha filha, são uma espécie miserável, rebotalho imundo! Você nem imagina quanto eles me roubaram. O profeta quer afastar as lembranças desagradáveis.



ES CRAVA - Compreendo. O bom Profeta se desespera pelos pe -
cados cometidos pelos filhos da terra. (Vai sain-
do).

PEER - Hei, escrava, escuta!

ES CRAVA - (Se aproximando)- Tua escrava te escuta.

PEER - Vou dar um presente para a tua alma.

ES CRAVA - Como, se eu não tenho alma ?

PEER - Vai ter uma.

ES CRAVA - Como senhor? Sou uma escrava.

PEER - Deixa isso comigo. Vou te educar. Você não tem alma?
Sempre tem um lugarzinha prá se encaixar uma alma. Vem
aqui, quero medir teu crânio. Ah, viu só? Tem lugar
de sobra! Eu sabia, eu sabia. Você não vai muito lon-
ge não. Não posso te prometer uma alma muito profun-
da. Mas que importa isso?

ES CRAVA - O Profeta é tão bom!

PEER - Pronta ?

ES CRAVA - Pronta!

PEER - Sou Peer Gynt, aquele que é. Receba este eu que eu
te ofereço.

ES CRAVA - (Estendendo-se a seus pés) - Senhor, ganhei uma alma?

PEER - A alma você terá mais tarde, minha filha. Agora vo -
cê ganhou um eu. Não tenha medo, você será instrui-
da. Afinal, pensando bem, o principal não é a alma
é o coração.

ES CRAVA - Fala, Senhor, quando tu falas, parece que eu sinto
minha alma.

PEER - Eu sou um Profeta velho e cansado, mas preciso con-
tinuar minha viagem. E depois não se pode ficar
eternamente num lugar só, sabe? Já é tempo de aca -
bar mesmo. Estes filhos do deserto tem alma valente.
Já começam a escassear o incenso e as rezas.

ES CRAVA - É verdade mesmo que você é Profeta ?

PEER - Eu sou imperador!

ES CRAVA - Me dá esse anel que está no teu dedo.

PEER - Toma essas bagatelas todas.

ES CRAVA - Obrigada, senhor, obrigada.

PEER - Sou moço por que faço loucuras.

ES CRAVA - É verdade você é moço. Tem mais anéis?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- PEER - Não sou mesmo? Está vendo? Olha! Eu pulo como um cabrito! Sou jovem! Upa, upa! Quero dançar! Pular muito. (Cambaleia).
- ESCRAVA - Estas todo suado, meu Profeta. Tenho medo que você derreta. (Seca-o).
- PEER - Escuta uma coisa: Eu vou te dar a alma que prometi.
- ESCRAVA - Obrigada, vivo muito bem sem alma. Já tenho seus anéis. (Sai correndo).
- PEER - (Imóvel por uns instantes, como que fulminado por um raio) - O que?
- (Peer Gynt, com movimentos calmos e refletidos despoja-se de seu traje real. Em seguida, tira do bolso um gorro de viagem que coloca na cabeça.) - Fica o Profeta prá lá e eu prá cá. Felizmente não chegou a fazer parte do meu sangue. Como se não fosse ser quem se é. (Andando) - Ainda bem que acabou a farsa. A vida de Profeta era sem ação, sem sal, sem graça. Que caminho escolherei agora? Abrem-se vários diante de mim. E o que diferencia os sábios dos imbecis é a escolha certa. Não tenho a menor vocação prá carangueijo que diz: "Indo prá frente ou indo prá trás, estou sempre no mesmo lugar". (Afrouxa-se e cai).



TEXTO 13 B

A velhice - este é o nome que os jovens lhe dão - pode ser um tempo de ventura.

A parte animal do indivíduo morreu ou quase morreu. Restam o homem e a alma.

Vive-se entre formas luminosas e vagas que não são ainda a escuridão.

Jorge Luis Borges



CENA 14 B

(PEER GYNT E UM VELHO ADIVINHO CHINÊS ESTÃO SENTADOS SOB UMA PEREIRA CENTENÁRIA)

SHAO YUNG - Meu filho, olhe para o céu. Este é o princípio masculino, positivo, forte, ativo, claro e fecundante.

PEER - E eu piso sobre a terra.

SHAO YUNG - O princípio feminino, negativo, fraco, passivo, escuro e fecundado.

PEER - E eu estou entre ambos.

SHAO YUNG - O céu e a terra se interpenetram e buscam na constante mudança a harmonia ou o repouso universal.

PEER - Mestre Shao Yung, eu vim atrás de uma adivinhação, não de explicações.

SHAO YUNG - Calma, meu filho, Todos aqueles que pedem socorro a Divindade, esquecem que a Divindade já prestou ao homem o mais importante e valioso auxílio: o dom do raciocínio. Este deve ser calmo e ponderado, mesmo quando o momento requer ação. Portanto, meu filho, quando você consultar o oráculo, você vai ser lento e profundo na sua meditação. Vai se examinar com severidade e aos outros com brandura. (SACUDINDO MOEDAS)
Posso jogar?

PEER - Deve.

SHAO YUNG - (JOGA. PAUSA. EXAMINA) A primeira moeda mostra alguém que está triste, que pisa no gelo frágil, que foge montado num cabrito.

A segunda moeda mostra uma pessoa que rouba uma ovelha de um rebanho. Ele devolve a ovelha, mas é perseguido como criminoso. Os dragões lutam no campo. Seu sangue é de ouro e púrpura, as cores do céu e da terra.

A terceira moeda mostra alguém construindo sua casa, plantando suas raízes. Quando a casa está pronta, ele parte.



A porta fica aberta. Há uma mulher sentada no degrau.

A quarta moeda revela preocupação e retorno forçado ao ninho. O pequeno pássaro perde a grande asa que o aquece e alimenta nas noites frias.

A quinta moeda apresenta um nômade. Um indivíduo que saiu de seu lugar, cruzou o grande mar e vaga pelo deserto.

PEER - É, eu vim de muito longe e estou sempre indo para mais longe ainda. Sempre para a frente, mestre Shao Yung.

SHAO YUNG - Meu filho, a terra é redonda. Para qualquer lado que se ande, se chegará sempre no ponto de onde se partiu. (VOLTA AD EXAME)
A sexta moeda mostra um homem à procura de si mesmo. Disfarçado de dragão, ele voa pelos céus.

PEER - Então na sétima moeda ele está na China e encontra o velho adivinho.

SHAO YUNG - Aqui.

PEER - (PROCURANDO) Mas não há mais moedas!

SHAO YUNG - A reta é um círculo. A pessoa voltará ao início de seu caminho. A próxima moeda não existe. É o Admirável Regresso.

PEER - O Admirável Regresso?

SHAO YUNG - Sim, a árvore brota da terra e seus frutos caem no chão. As aves migram no inverno e voam de volta na primavera. A água que sobe para as nuvens, volta na chuva.

PEER - Jogue mais uma moeda.

SHAO YUNG - Eu não posso. Sua oitava moeda não está aqui. Está do outro lado do grande mar. É um botão de prata muito antigo. Vá buscá-lo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TEXTO 14

" Nós investimos tanto em nossos sonhos e esperanças.

Era uma vez, nós crianças acordados de manhã no nosso dia de crisma. O dia pelo qual esperamos tantos anos, o dia em que algo mudaria, a vida adulta deveria começar e com ela o direito de tomarmos nossas próprias decisões.

Numa foto emoldurada, posamos para a posteridade, ao lado de outras fotografias em que aparecemos bebês, aos 5 anos, colegiais, noivas.

De olhos fixos no vazio, jamais voltaremos.

Logo serei uma velha senhora de cabelos brancos, em cujo colo alguém coloca um bebê dizendo: "Sorria vovó". Eu, que fui fotografada há tão pouco tempo, no colo de minha avó. Eu, que ontem colhia flores, não consigo imaginar tudo terminado amanhã."

Liv Ullmann

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TEXTO 12

" Estou novamente num trem, que amo tanto. As pessoas apelidaram e reapelidaram os trens. Primeiro de acordo com o terreno que cruzavam, depois com os nomes das cidades de onde vinham e para onde iam. Um trem nos dá um belo sentido coletivo de anonimato.

Muitos me perguntam porque viajo tanto. A todos digo que sei do que estou fugindo e não sei o que vou procurando.

O trem continua o mesmo. E os mesmos sentimentos se dilatam em mim neste trem. As mesmas maravilhas. A mesma fome dolorosa da terra além da janela. Eu viveria num trem se alguém me desse um. "

Sam Shepard



INTERROGATÓRIO 3

INTERROGADOR - Nome?

PEER - Peer Gynt.

INT. - Idade?

PEER - 48 anos.

INT. - Profissão?

PEER - Comerciante internacional .

INT. - De onde você vem?

PEER - De uma pequena aldeia na Noruega.

INT. - Para onde você vai?

PEER - Para todas as cidades do mundo, todos os portos, todas as avenidas, todos os bancos...

INT. - Basta! Algum gosto pessoal?

PEER - Gosto de viajar: singrar os mares, cortar cidades, escalar montanhas, atravessar desertos.

INT. - O que você quer ser?

PEER - Quero ser eu mesmo, dos pés à cabeça!

INT. - O que você vai ser?

PEER - Eu vou ser rei. Im-pe-ra-dor!

INT. - Alguma pergunta?

PEER - (pausa) Eu gostaria de saber quando chegará a hora do grande julgamento que separará os bodes dos carneiros.

INT. - Isto não é uma pergunta.

PEER - Então não tenho nenhuma pergunta.



BALLON - Pensem no que nós lucraríamos se...

EBERKOPF - Grande idéia! Vamos partir! Rumo ao mar! Terminou seu império! Viva!

BALLON - O que o Sr. planeja fazer?

EBERKOPF - Tomar o poder! A tripulação é fácil de subornar! Vamos adiante! Eu me aproprio do iate!

COTTON - Como? O Sr...?

EBERKOPF - Vou saquear tudo! (anda em direção ao iate)

COTTON - Meu interesse me ordena a segui-lo

TROMPETERSTRAHLE - Ah, canalha miserável!

BALLON - Canalha, mesmo! Mas, afinal...(segue os dois)

TROMPETERSTRAHLE - Não posso deixar de segui-lo.(segue-os)



- PEER - Ora, antes de mais nada, planejo viajar. Em Gibraltar os convidei a bordo para me fazerem companhia. Era meu sonho ter um grupo de amigos navegando comigo.
- COTTON - Bem, mas ninguém oferece nada sem esperar alguma recompensa! Qual é a sua?
- PEER - Eu quero ser rei.
- OS QUATRO - O que foi?
- PEER - Rei!
- OS QUATRO - De que?
- PEER - Do mundo.
- BALLON - Que história é essa?
- PEER - Graças ao ouro todo poderoso! Não é de hoje que tenho esta idéia. Foi ela que me apoiou em tudo o que fiz. (entusiasmando-se) Assim como Deus precisou do barro para tornar-se senhor do mundo, eu preciso de ouro para me tornar rei.
- BALLON - Mas o Sr. já tem tanto ouro!
- PEER - Não me basta. o que eu tenho não chegaria nem para ser rei de uma miserável aldeia. eu quero muito mais! Para isto estou sempre do lado dos fortes. A fortuna protege os audaciosos. Mas dai-me licença de não acompanhá-los mais por hoje. Estou bêbado. (pondo a mão no bolso) Tenho dinheiro e sou eu mesmo: Peer Gynt. (abre seu parassol e entra no bosque).
- TROMPETERSTRAHLE - Porco imundo!
- BALLON - É preciso não ter um pingão de honra!
- EBERKOPF - A honra é o de menos.
- COTTON - (com o punho cerrado faz um gesto ameaçador em direção ao iate:) E pensar que ele guarda no iate todo o ouro que arrancou do suor de seus negros!

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- COTTON - Sim, senhor!... E a mercadoria africana?
- PEER - Foi outro setor em que triunfou minha moral. Compreendi que um negócio desse tipo não era aconselhável por causa dos naufrágios e avarias. Então, comprei uma propriedade na América do Sul e reservei para mim mesmo o último carregamento de carne humana, que aliás resultou ser de excelente qualidade. Afeiçoaram-se a me servir, ficaram gordos, grandes, de modo que tanto eles quanto eu ficamos satisfeitos. Além do mais, me trouxe lucros morais. Mandei construir escolas e contratei professores. Depois, acabei me retirando completamente do ramo, vendi a plantação, os bens animados e os bens inanimados. No dia da despedida, mandei distribuir bebidas grátis entre todos os meus negros. Portanto, se é verdade que quem não faz o mal faz o bem, posso considerar meus pecados compensados pelas minhas virtudes.
- EBERKOPF - À sua saúde!
- PEER - (bebe sem cessar) Nós, gente do norte da Europa, sabemos guiar nosso barco.
- TROMPETERSTRAHLE - Qual a sua tática?
- PEER - (bebe mais) Nunca dar um passo decisivo, avançar com prudência entre as mil ciladas da vida, lembrar-se que ela não se limita ao combate travado neste momento e manter detrás de si um espaço suficiente para bater em retrada sem susto. Essa teoria deu a minha carreira sua marca inconfundível, essa teoria é herança de minha família.
- BALLON - O Sr. é norueguês, não é?
- PEER - De nascimento sou, mas, por temperamento, sou cosmopolita. (bebem com Peer Gynt)
- EBERKOPF - E o que o Sr. pensa fazer de todo o seu ouro.



- PEER - (discretamente) Sou por temperamento, independente, e além disso me canso logo de tudo. De modo que quando o pai exigiu que eu mudasse de nome e de condição social, e comprasse títulos de nobreza, recuei dignamente. É isso, pode-se confiar no destino. Ah, que pensamento confortador: tenho fé no destino. (acendendo um cigarro) Aliás, basta que se recordem de minha carreira. O que que eu era quando vim para o Marrocos? Um pobre diabo sem eira nem beira, que suava penosamente para ganhar um pedaço de pão. Foi duro, podem crer. Mas apesar de tudo ama-se a vida e a morte é sempre amarga. O destino me sorriu. Dez anos mais tarde meu nome corria de porto em porto. A sorte viajava em meus navios. O iate que os senhores viajaram hoje está cheio de ouro até a borda.
- COTTON - Qual era seu ramo de negócios?
- PEER - Sobretudo o transporte de negros para as plantações de algodão dos Estados Unidos e a exportação de estátuas de Buda para a China.
- BALION - Maldito sela nosso amigo Gynt!
- PEER - Por acaso acham uma empresa de moral duvidosa? Pois foi a mesma reação que eu tive. No entanto não podia interromper meu comércio com a China. Querendo contornar essa dificuldade, estabeleci com aquele país relações de outro tipo. Na primavera, continuava exportando Budas, mas no outono mandava para as costas chinesas uma carga completa de padres munidos de todo seu equipamento: roupas, bíblias, arroz e garrafas de rum.
- COTTON - E tinha lucros com esse comércio?
- PEER - Como não? A combinação deu certo. Os padres cumpriram seu dever maravilhosamente bem. Para cada Buda vendido era mais um chinês batizado, de modo que as duas ações se anulavam mutuamente. A missão foi perfeita: Os deuses vendidos eram logo destruídos pelos missionários.



CENA 12

(Costa do Marrocos. Um bosque de palmeiras, tendas, esteiras, mesa posta. Perto da praia, um iate a vapor com bandeiras da Noruega e dos Estados Unidos. Sol poente. Peer Gynt, com belo aspecto, de meia idade, elegantemente vestido de turista, com um lorgnon de ouro pendurado no pescoço, preside a mesa. Estão terminando de jantar.)

- PEER - Bebam, meus senhores! O homem foi feito para o prazer. O que passou, passou! O tempo perdido não volta mais. Que vinho preferem?
- TROMPETERSTRAHLE - Caro irmão Gynt você é um anfitrião sem igual!
- PEER - Metade do mérito é de meu mestre-cuca, meu maitre e minha conta bancária.
- COTTON - Very well! Brindo à saúde dos quatro!
- BALLON - Monsieur Gynt tem um bom gosto, um tom, que só se encontra raramente em alguém de vida independente como a sua.
- EBERKOPF - Gostaria de pesquisar as origens do fenômeno.
- PEER - Já foram encontradas. É porque nunca me casei e nunca tive filhos. Sim, senhores: é muito simples. Qual é o primeiro dever do homem? Encontrar-se a si mesmo. Ele e tudo que se refira a ele, essa é sua preocupação natural. Então? Eu lhes pergunto, portanto: como poderia cumprir esse primeiro dever se tivesse que me preocupar com problemas alheios?
- COTTON - Essa fuga para dentro de si mesmo foi obtida sem lutas?
- PEER - Não! Uma vez, inclusive, escapei por um triz.
- COTTON - Uma relação frustrada?
- BALLON - A família negou o consentimento?
- PEER - Ao contrário.
- BALLON - Ah ??!



TEXTO 11

" A vida no Paraíso não era semelhante à vida que levamos na terra. Aqui trilhamos um caminho em linha reta que nos leva ao desconhecido. Nossa vida é uma grande aventura. No Paraíso a vida se deslocava em círculos, entre coisas conhecidas. Sua monotonia não era feita de tédios, mas sim de felicidade.

Enquanto o homem vivia no campo, no meio da natureza, tendo em volta animais domésticos, dentro da regularidade da mudança das estações, nele restava ainda um reflexo da imagem do Paraíso.

No Paraíso o homem não era ainda o homem. Mais exatamente: o homem não tinha ainda se lançado na trajetória do homem. Nós já nos lançamos nela há muito tempo e estamos voando no vazio de um tempo que segue em linha reta. Mas existe ainda em nós um fino cordão umbilical que nos liga a um distante e nebuloso Paraíso, no qual Adão se debruça na fonte e não suspeita que a pálida mancha amarela que vê aparecer seja ele. A nostalgia do Paraíso é o desejo do homem de não ser homem. "

Milan Kundera

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



ASA - Ah, filho, que festa é essa que você me traz, eu já tão velha?

PEER - (dando uma chicotada imaginária) Vamos logo, meu cavalo!

ASA - Peer, meu querido! Será que você não errou de caminho?

PEER - (nova chicotada imaginária) Estamos no caminho certo.

ASA - Ah, como estou cansada, como estou moída!

PEER - Olha o castelo na nossa frente. Logo, logo estamos chegando.

ASA - Está bem. Vou fechar os olhos e confio em você, meu filho!

PEER - Alto lá, para aqui, meu valente cavalo! Todos param, boca aberta, cheios de admiração, vendo chegar o Peer Gynt de braço com sua velhinha! São Pedro, me responda: Vai proibir a entrada da minha mãe Asa no céu? Pois nesta celeste morada eu duvido que alguém valha mais do que ela sozinha! Mamãe! Você está me ouvindo?! (aproxima-se da cabeceira . Toca cuidadosamente a frente e as mãos de Asa). Já chegamos, meu cavalinho! (fecha os olhos da morta e se inclina sobre ela) Obrigado por tudo que você fez, pelos tapas e pelos carinhos! E agora, me agradece também (coloca sua testa contra os lábios da mãe) por ter te acompanhado até o fim.

KARI - (Entrando) - O que?! É Peer! Ah, então tudo vai mudar de agora em diante!.

PEER - Psiu! Ela morreu.
(Kari chora, ao lado do cadáver de Asa. Peer Gynt anda de lá para cá no quarto. Até que pára perto da cama)

PEER - Cuida bem do enterro dela, Kari. Quero que seja uma coisa decente. Eu vou tentar escapar antes que me vejam.

KARI - Você vai prá muito longe?

PEER - Vou até o mar.

KARI - Tão longe assim?

PEER - E até mais longe ainda.(sai)



PEER - Deixa disso! Te agasalha bem! Eu que vou sentar na boléia, na beira da cama. E vamos voltar aos contos de fadas, que fazem passar o tempo!

ASA - Não, Peer, é melhor você ir pegar no armário o livro dos salmos. Estou tão nervosa!

PEER - No castelo dos sonhos por cima da terra e do mar, o rei nos convidou prá uma grande festa. Sobe logo no trenó, que já vamos partir! Está pronta, mãezinha? Cuidado prá não cair!

ASA - Mas Peer, você tem certeza que o rei me convidou também?

PEER - Absoluta! Mandou convite prá mim e prá você. (passa uma corda no respaldo da cadeira e senta na beira da cama) Você não está com frio, mãe?

ASA - Escuta, Peer! Acho que estão batendo na porta!

PEER - São guizos do trenó!

ASA - Que som oco que eles tem!

PEER - Já chegamos na montanha!

ASA - Estou com medo! Parece o vento ameaçando!

PEER - São os pinheiros do vale. Não tem medo, não, mãe!

ASA - E lá longe, que é aquilo que brilha tanto? De onde vem essa luz?

PEER - São as vidraças do castelo. Hoje é noite de baile. Está ouvindo a música?

ASA - Estou, sim.

PEER - Estou vendo São Pedro, na porta, convidando as pessoas a entrar.

ASA - Ele está convidando?

PEER - Está, é tão amável! Prá cada um que passa ele oferece um cálice do vinho mais doce que tem na adega.

ASA - Vinho? Com bolo?

PEER - Claro! Ele está com a bandeja na mão. Parece uma delícia! E a falecida mulher do pastor é que está preparando o café e a sobremesa.

ASA - Meu Deus, meu Deus! Então ela e eu vamos nos encontrar de novo?

PEER - Vão, e vão poder tagarelar até cansar!



- ASA - Tua culpa?! E quem falou nisso? Não senhor! Coitado de você, meu filho, você estava bêbado! Nem sabia o que estava fazendo! E antes disso, aquela tua luta com o cabrito selvagem já tinha te deixado de cabeça virada!
- PEER - Tá bem, mãe. Não fala mais nessa história nem nas outras. (sentando-se à beira da cama) Agora, mamãe, vamos falar de qualquer coisa, qualquer coisa. Mas sem agitação, sem brigar. Puxa, como é pequena essa tua cama, hein, mãe? Deixa eu ver bem. Ué, não é minha cama de criança? Você se lembra quantas vezes você vinha de noite sentar na minha cabeceira? Você me enrolava bem nos cobertores e depois cantava baixinho uma porção de canções bem antigas.
- ASA - Ah, Você ainda se lembra, é? E quando teu pai viajava, ficava tanto tempo fora, de noite nós brincávamos de trenó, a colcha era a capota, o chão era a montanha coberta de neve.
- PEER - E depois nós partíamos para o castelo dos sonhos, lá nas nuvens, a oeste da lua e a leste do sol. Nosso caminho passava por montes e vales. E nosso chicote era a bengala que você guardava no armário.
- ASA - Eu ia na boléia, ali, na ponta da cama.
- PEER - É, é, sim! Que Deus te conserve sempre, velha ranzinza! Apesar de tudo, você me adorava. Por que você está gemendo assim, o que é?
- ASA - Estou com dor nas costas de tanto dormir no chão duro.
- PEER - Espera um pouco! Pronto, agora! Se estica bem, mãe, assim! Tá bom agora?
- ASA - (inquieta) Não, Peer, quero ir embora!
- PEER - Ir embora?
- ASA - É, ir embora. Partir, partir.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA 11

(Em casa de Asa, é noite. Ardem toros na lareira, iluminando o quarto. O gato está enrodilhado em cima de uma cadeira, ao pé da cama. Asa, deitada, passa as mãos crispadas de ansiedade pela colcha).

ASA - Ai, meu Deus, e ele que não vem! Como é ruim esperar. Tenho tantas coisas prá dizer prá ele. O tempo está passando! Se eu soubesse, garanto que ia ser menos severa com meu filho!

PEER - (entrando) Boa noite!

ASA - Deus seja louvado! Finalmente você chegou, meu filho adorado! Mas, como foi que você teve coragem de vir? Tua vida corre perigo aqui.

PEER - Bah! E o que importa a minha vida? Eu precisava voltar e voltei, pronto.

ASA - Eu poderei partir em paz agora.

PEER - Partir? Deque você está falando? Partir prá onde?

ASA - Meu fim está próximo. Não vou viver por muito tempo, não.

PEER - (inquieto, anda de cima para baixo no quarto) Você está sentindo frio nos pés e nas mãos?

ASA - Estou, Peer, logo tudo vai acabar prá mim. Quando você perceber que os meus olhos já estão sem brilho, aí você fecha eles bem devagarinho. Depois vai providenciar o caixão...

PEER - Mãe, você quer calar essa boca?

ASA - Tem razão, meu filho, tem razão. (olhando com angústia pelo quarto) Você está vendo o que aqueles malvados deixaram para nós.

PEER - (fazendo uma careta amarga) É, e tudo por minha culpa. Eu sei, não precisa me jogar isso na cara.



TEXTO 10

" A morte é o fato primeiro e mais antigo, e quase me atreveria a dizer: O único fato. Tem uma idade monstruosa e é sempre e eternamente nova."

Elias Canetti

" Morremos em um instante e tememos a morte por muitos anos!"

Marquês de Maricá

" Morre-se apenas uma vez - e é por tanto tempo! "

Molière

" E no fundo, a morte nada mais é do que o parto de uma alma."

Clarice Lispector



CONTINUAÇÃO DA CENA 10

SOLVEIG - Você não vai entrar?

PEER - (A meia voz) É dar a meia volta!

SOLVEIG - O que?

PEER - Espera por mim. Já está escuro e tenho que carregar um fardo pesado.

SOLVEIG - Eu vou te ajudar. Vem, vamos trazê-lo juntos.

PEER - Não, é impossível. Fica aí mesmo.

SOLVEIG - Você vai demorar muito?

PEER - Não sei. Talvez sim, talvez não. Paciência, Solveig. De qualquer modo, você me espera.

SOLVEIG - Eu espero, sim.

PEER - O que quer que aconteça, você me espera. Eu volto. Eu juro que volto.

SOLVEIG - Eu espero.

PEER - Olha o que eu tenho guardado no bolso. Um botão de prata. Verdadeiro! Eu dou para você, se você me esperar.

SOLVEIG - Eu já disse que espero.



INTERROGATÓRIO 2

INTERROGADOR - Nome?

PEER - Peer Gynt.

INT. - Idade?

PEER - 23 anos .

INT. - Sinais particulares?

PEER - (pausa) Acho que sou manco da cabeça.

INT. - Objetivo?

PEER - Seguir meu caminho em linha reta! Não sei... Talvez exista outro caminho.

INT. - Existe outro caminho?

PEER - Deve existir outro caminho.

INT. - Qual?

PEER - O do arrependimento, eu acho.

INT. - Onde você leu isso?

PEER - Onde foi que eu li isso? Não sei. Eu não tenho livros aqui.

INT. - Quanto tempo você precisa para o caminho do arrependimento?

PEER - Vai ver se precisa percorrê-lo durante anos. Uma vida não bastaria.

INT. - Você vai seguir seu caminho em linha reta?

PEER - A Grande Curva me mandou dar meia-volta.

INT. - Você vai dar meia-volta?

PEER - Solveig está na cabana me esperando.

INT. - Você tem dúvidas, Peer Gynt?

PEER - Sim. Muitas.



SOLVEIG - Agora, sim, posso respirar livremente, com o rosto bem de frente para o vento! Onde eu estava era tudo tão estreito, tão sufocante! Foi uma razão a mais prá eu fugir. Aqui, no meio dos pinheiros que susurram, ouço música e silêncio e me sinto em casa, finalmente.

PEER - Tem razão! Você está em casa mesmo! Para sempre, não é?

SOLVEIG - Pelo caminho que vim nunca se volta atrás.

PEER - Entra! Vou buscar lenha e vamos acender uma fogueira grande, prá nos dar luz e calor e prá você poder descansar sem sentir frio.

(Solveig congela. Peer afasta-se)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA 10

(No bosque, diante de uma cabana recém-construída. Cai uma neve espessa. Crepúsculo. Diante da porta, Peer Gynt. Solveig, com um lenço amarrado na cabeça, um embrulho na mão, de skis nos pés, surge deslizando sobre a neve)

SOLVEIG - Não me manda embora!

PEER - Solveig! É você? Você mesmo? Não, não é possível!
E você não tem medo de chegar perto de mim?

SOLVEIG - O vento e o silêncio me trouxeram até aqui. E tua mãe também, sem querer, me trouxe até aqui quando me falava de você, e os meus sonhos, e minhas noites tão longas, meus dias solitários tudo me dizia prá vir aqui. Lá onde eu estava minha vida se extinguía pouco a pouco. Eu não podia mais nem rir nem chorar quando tinha vontade. Eu vim porque era a única coisa que eu podia fazer.

PEER - Solveig! Você deixou sua família?

SOLVEIG - Deixei. Você será meu amigo e meu consolo

PEER - Você sabe da sentença pronunciada contra mim na primavera? Sabe que tiraram de tudo o que era meu? Agora não tenho nem casa nem mais nada.

SOLVEIG - Não foi por causa dos teus bens que eu deixei minha família.

PEER - Se eu sair deste bosque, o primeiro que aparecer pode me denunciar!

SOLVEIG - Vindo para cá me encontrar com você, cada vez que me perguntavam no caminho para onde eu estava indo, eu respondia: "vou para a minha casa"
Eu construí uma pequena cabana onde vamos morar.

PEER - Ah! Não preciso mais de portas nem de fechaduras!
Não tenho mais medo dos maus pensamentos!



TEXTO 9

" A profissão do ator tende a desnaturá-lo. Todo o ser humano possui um instinto que o leva a desertar de si mesmo para viver aparências e a profissão do ator é uma das consequências deste instinto das aparências. É portanto uma profissão que os homens desprezam, acham-na perigosa. Os homens lhe atribuem imoralidades e a condenam pelo seu mistério. Esta atitude preconceituosa, que nem mesmo as mais extremas tolerâncias sociais eliminaram, reflete uma idéia profunda: é que o ator faz uma coisa proibida, joga a sua humanidade para o espectador e este consome os sentidos do ator, a sua razão, o seu corpo e a sua alma.

O grande mistério da profissão do ator é que um ser humano possa pensar e tratar a si próprio como matéria-prima de sua arte."

Jacques Copeau

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA XV

A bordo de um navio que percorre o litoral da No -
ruega. Por de Sol. Mar agitado.

PEER GYNT, um anção cheio de vigor, de cabelos bran-
cos, está na popa do navio. Veste uma roupa semelhan-
te a um uniforme de marinheiro. Está usando jaqueta
e botas de cano largo. Suas roupas estão um pouco gas
tas. Bronzeado pelo sol, suas feições tem uma expressão
mais dura agora. O capitão está perto do timão, a tri-
pulação está na proa.

CAPITÃO - (Gritando para a tripulação) - Dois homens para o
timão! Içar a lanterna!

PEER - Que vento frio do Norte! Eu quase não me lembrava
do vento Norueguês.

CAPITÃO - Esta noite vamos ter tempestade.

PEER - Ah, muito bem.

CAPITÃO - Pelo visto o senhor conhece bem esta região.

PEER - Quando parti passei por aqui. E, como dizem, os tem-
pos da mocidade são os que mais gravam na lembrança.
Aquilo que está luzindo azul lá adiante, no
meio dos pesnascos, aquele desfiladeiro preto, lá
tem poucas casas ?

CAPITÃO - Poucas, espalhadas.

PEER - E chegamos lá antes do raiar do dia?

CAPITÃO - Espero, se a noite não piorar muito.

PEER - Do lado poente há nuvens grossas.

CAPITÃO - É verdade.

PEER - Não tenho família. Não tenho ninguém me esperando.
Pelo menos não teremos choradeira no cais.

CAPITÃO - Lá vem a tempestade.

PEER - O senhor acha é ? Essa agora. Lá não tem ninguém
esperando o velho PEER GYNT! Voltei do Panamá até
aqui e não tem ninguém me esperando.

CAPITÃO - Com licença! A tempestade está chegando. (Dirige-se
rumo à proa. O céu tornou-se inteiramente escuro.
Ascendem-se luzes. O navio joga cada vez mais for-
te. Névoa e nuvens espessas).

PEER - Quem se lembra de mim ? Ninguém ! (O barco joga



PEER - ga muito. Peer luta para se manter em pé) Épa!
Épa! Bela sacudidela. Nada mudou neste mar do
Norte.

CAPITÃO - Timão para estibordo! Baixar velas!

PEER - Numa noite de tempestade como esta não se bota de
lado Nosso Senhor. "Uma consciência tranquila é a
almofada mais macia para a cabeça". Diz o provérbio
norueguês. Aqui a bordo um homem descente está no
mesmo nível que a gatinha mais baixa. Não há hierarquias,
nem considerações! Quando chegar a hora da matança,
todo mundo vira salsicha. Mas ainda há tempo! Vai varrer o país de ponta a ponta a notícia que chegou PEER GYNT. Hei de recuperar a casa do meu pai, por bem ou por mal, e vou reforma-la toda, faze-la brilhar com o esplendor de um palácio!

(A tempestade aumenta. Peer vai a popa do navio. Já anoiteceu. Um passageiro desconhecido, de pé ao lado de Peer, o saúda cortesmente.)

DESCONHECIDO - Boa noite.

PEER - Boa noite ... Hei? Quem é o senhor ?

DESCONHEC- Seu companheiro de viagem.

PEER - E essa agora! Eu pensava que fosse o único passageiro a bordo!

DESCONHEC- Foi engano seu.

PEER - Mesmo assim, é esquisito: Nunca o vi até hoje no navio.

DESCONHEC- É que eu nunca saio da cabine de dia.

PEER - O senhor está doente? Estou achando o senhor branco como o cal.

DESCONHEC- Que nada, estou muitíssimo bem.

PEER - Que tempestade, não?

DESCONHEC- É, meu amigo, uma verdadeira benção!

PEER - Uma benção!

DESCONHEC- Vagalhões do tamanho de uma casa! A gente fica todo salpicado de espuma! Pense só em todas as jangadas que aparecerão amanhã, os cadáveres cuspidos pelo mar!

PEER - Ah, Meu Deus, haverá muitos mesmo.

DESCONHEC- O Sr. alguma vez já viu alguém morrer estrangulado



DESCONHEC- enforcado ... ou afogado ?

PEER - Como disse ?

DESCONHEC- Os cadáveres sorriem, ou melhor, fazem uma careta bonachona e na maior parte das vezes mordem a própria língua.

PEER - Que horror! Quer me deixar em paz por favor?

DESCONHEC -Só uma pergunta, a última: Se nós afundássemos no mar esta noite?

PEER - O senhor acha que há este perigo?

DESCONHEC- Eu não sei nada. Mas será que o senhor concedia como especial favor seu precioso cadáver?

PEER - Que brincadeira é esta?

DESCONHEC- Mas é só o que eu lhe peço. É para as minhas experiências científicas.

PEER - O senhor quer fazer o grande favor de me deixar em paz ?

DESCONHEC- Mas o que é isso, meu amigo, reflita um pouco. O objetivo de minhas pesquisas é localizar o ponto onde nascem os sonhos.

PEER - Vá embora daqui! Que personagens repugnantes são esses cientistas! Deve ser um ateu. (Ao chefe da tripulação que passava diante dele) - Um momento, amigo! Quem é esse louco que viaja como passageiro conosco?

CHEFE - Um passageiro? Que eu saiba o senhor é o único que nós temos a bordo.

PEER - O único? Que coisa mais esquisita! (Ao praticante de piloto) - Quem foi que acabou de descer para os camarotes agora mesmo ?

PRATICAN - Foi o cachorro de bordo, senhor. (S_ai)

VIGIA - (gritando) - Terra à Vista!

CAPITÃO - O mastro grande se rompeu ao meio!

CHEFE - (Na proa) - A proa engalhou !

CAPITÃO - Ficou partida!

CHEFE - Estamos afundando!

(O navio naufraga. Barulho, tumulto)



TEXTOS 15

Há muito tempo que o pensamento da morte me é familiar. Desde muito criança a morte faz parte da minha vida. Nunca quis ignorá-la, negá-la. Mas não há grande coisa a dizer da morte, quando se é ateu como eu. É preciso morrer com o mistério. Algumas vezes digo a mim mesmo que gostaria de saber. Mas saber o que? Não se sabe nem durante, nem depois. Depois de tudo é nada. Apenas nos espera a putrefação e o odor adocicado da eternidade.

Luis Suñuel



CENA 16

(TERRA FIRME. PEER GYNT CAMINHA)

O PASSAGEIRO DESCONHECIDO - Bom dia!

PEER - Ué!

DESCONHECIDO - Que prazer revê-lo! Como você se salvou do naufrágio?

PEER - Afoguei o cozinheiro do navio e peguei seu bote salva-vidas.

DESCONHECIDO - Afogou?

PEER - Claro. Era ele ou eu. Só cabia um no bote.

Mas que é que o sr. está fazendo aqui?

DESCONHECIDO - Esperando.

PEER - Mas isso é de deixar alguém louco! Quem é o sr. afinal?

DESCONHECIDO - (INCLINANDO-SE) Um seu servidor.

PEER - E que mais? Vamos, fale, fale!

DESCONHECIDO - Adivinhe. Você nunca viu alguém parecido comigo?

PEER - (OLHANDO PARA ELE) Se é a salvação da minha alma que o sr. está querendo, chegou tarde, sabe?

DESCONHECIDO - Não quero sua alma. Quero seu corpo.

PEER - Prá trás, fantasma! Dá o fora! Não quero morrer!

DESCONHECIDO - Ah, quanto a isso, pode ficar tranquilo. O herói nunca morre antes do final da peça. (SOME)

PEER - Vai-te, desgraçado, que eu vou para a minha casa. (COMEÇA A CAMINHAR) Para onde se olha, é sempre a mesma coisa. O tempo rói tudo. "Dá A Volta", aconselhou a Grande Curva. Sempre se acaba voltando ao mesmo ponto.

HOMEM 1 - (ENTRANDO) Só ficaram bugigangas. (VENDO PEER) Ué, vieram estranhos também? Bom dia, amigo!

PEER - Bom dia. Está todo o mundo alegre. O que foi? Algum casamento?

HOMEM 1 - Ao contrário: estão leiloando os pertences de uma pobre velha.

PEER - E vocês disputam seus despojos?

HOMEM 1

- É o fim de uma bela canção.



PEER - Sempre a mesma. É uma canção velha, que eu cantava desde criança.

MULHER 1 - (MOSTRANDO UMA FORNA) Olha só que peça linda que eu comprei! É a forma que Peer Gynt usava prá fundir botões de prata.

MULHER 2 - E eu então! Comprei uma bolsa por um tostão.

MULHER 3 - Eu é que fiz um negócio da China!

PEER - Quem é esse tal de Peer Gynt que vocês falaram?

HOMEM 1 - A única coisa que eu sei é que ele sumiu daqui há uns 40 anos.

PEER - Me paguem uma bebida. Estou me sentindo velho e acabado. Tenho uma porção de velharias para vender, sabem?

HOMEM 2 - O que, por exemplo?

PEER - Um castelo em Ronden.

MULHER 1 - Ofereço um botão por ele.

PEER - Não, me oferece uma bebida.

MULHER 2 - Que engraçado este velho!

PEER - (GRITANDO) MEU CAVALO! QUEM QUER MEU CAVALO?

MULHER 2 - Onde está?

PEER - Lá longe, no oeste, no poente, meus filhos. É um bom trotador. Corre tão bem quanto Peer Gynt sabia mentir.

MULHER 2 - Que mais você tem prá vender?

PEER - Ouro e bugigangas, o que quiserem eu tenho. Comprado com prejuízo, mas vendido com desconto. A lembrança de um livro de salmos!

HOMEM 2 - As lembranças que vão pros quintos dos infernos!

PEER - Meu império! Vou jogá-lo prá você. Quem pegar é o dono.

MULHER 3 - Inclusive a coroa?

PEER - Inclusive a magnífica coroa. Prá quem chegar primeiro! Vamos, tem mais! Um fio de cabelo branco de um louco! A barba do Profeta!

HOMEM 2 - Você fala de um jeito que vai acabar na cadeia.

PEER -- É provável, mas o sr. quer ter a bondade de me dizer quem foi Peer Gynt?

HOMEM 2 - Bem, dizem por aí que foi uma espécie de mau contador de histórias.

PEER - Contador?

HOMEM 2 - É, de lorotas. Sempre ele contava que tinha feito e acontecido como grande herói sem medo por esse mundo afora. Mas, que



desculpar, tenho gente que me espera. (SAI)

PEER - E onde está agora este original personagem?

MULHER 1 - Cruzou os mares para ir ao estrangeiro. Como era de esperar, nada deu certo e já faz alguns anos que o enforcaram.

PEER - Enforcaram? Não me diga? Sim, senhora, enforcado! Ah, mas eu sabia. O falecido Peer Lynt permaneceu fiel a si mesmo até o fim. Adeus para todos, muito obrigado e passem bem! (SAI)

SECRETARIA FEDERAL
DE ECONOMIA E FINANÇAS
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL



INTERROGATÓRIO 4

Interrogador - Nome?

PEER - Peer Gynt.

INTERROGADOR - Idade?

PEER - 70 anos.

INTERROGADOR - Descreva sua vida.

PEER - Vivi olhando para o céu e bati com o nariz no chão duro.

INTERROGADOR - Cansado?

PEER - Muito. Cansado de procurar.

INTERROGADOR - Procurar o que?

PEER - (PAUSA) Não sei.

INTERROGADOR - Você foi longe na procura?

PEER - Muito longe! E voltei.

INTERROGADOR - Voltou por que?

PEER - Sempre se volta à origem. Eu fiz a Grande Curva. Estou completando meu círculo.

INTERROGADOR - E encontrou?

PEER - Ainda não.

INTERROGADOR - E quanto tudo isso te custou?

PEER - Nunca tão longe custou tão perto.



TEXTO 16

Nasci na aurora deste século, que às vezes me parece um instante. À medida que os anos passam, eles correm cada vez mais depressa. Quando falo dos acontecimentos da minha juventude, que me parece ainda próxima, sou obrigado a dizer: "Já foi há 50 anos."

Noutras ocasiões, a vida parece-me longa. Esta criança, este jovem que fazia isto, que fazia aquilo, parece-me que não era eu."

Luis Buñuel



CENA 16

(UM FUNDIDOR? CARREGANDO UMA CAIXA DE INSTRUMENTOS E UM ENORME COLHER DE FUNDIDOR, CHEGA POR um CAMINHO LATERAL)

FUNDIDOR - Boa noite, meu velho.

PEER - Boa noite, companheiro.

FUNDIDOR - Você parece que está com pressa. Para onde vai?

PEER - Vou a um enterro.

FUNDIDOR - É mesmo? É, você não está com uma cara boa. Desculpa perguntar, mas por acaso seu nome não é Peer?

PEER - Me chamam de Peer Gynt.

FUNDIDOR - Isso é que é ter sorte! Pois é justamente Peer Gynt que eu vim procurar.

PEER - Não me diga! E que que você quer de mim?

FUNDIDOR - Vou te explicar: sou fundidor. você precisa entrar na minha colher.

PEER - E prá que?

FUNDIDOR - Prá ser fundido de novo.

PEER - Fundido?

FUNDIDOR - Tá vendo só? Ela tá prontinha. Tua cova já foi cavada.

PEER - Ora essa! Assim, sem mais nem menos, é?

FUNDIDOR - É um velho costume. Seja prá enterro, seja prá **batismo**, escolhe-se o dia em segredo sem avisar o herói da história.

PEER - Então, meu caro Peer, chegou o fim da tua viagem. mas convenhamos, companheiro, eu acho que mereço ser tratado melhor. Sou menos mau do que pareço e afinal também fiz o bem no mundo. No máximo, no máximo eu podia ser considerado um inútil, mas não um grande pecador.

FUNDIDOR - Ah, pois o problema está justamente aí. Você não é um pecador no sentido elevado da palavra. Por isso é que você escapa do fogo do inferno e é digno só da colher do fundidor.

PEER - Que invenção nova é esta que se inaugurou na minha ausência?



- FUNDIDOR - É um velho costume, criado para consertar as peças que saem com defeito da fábrica. Você conhece bem o ofício de fundidor e sabe que muitas vezes a forma produz uns resultados mal feitos de amargar. Por exemplo, fazem botões sem furos prá pregar. Que que você faria neste caso?
- PEER - Jogava no lixo.
- FUNDIDOR - Pois é, Teu pai, Jan Gynt, foi um perdulário famoso. Gastou, gastou até ficar sem um tostão no bolso. Mas meu patrão, não. Meu patrão, sabe? é econômico. Zela pelas suas riquezas. Vê lá se ele é de jogar fora uma peça com defeito se ainda puder aproveitá-la como matéria prima. Você, seu destino era brilhar como botão de prata no paletó universal, mas você nasceu sem os furos prá te costurarem no pano. Entendeu? Então, o remédio é te botarem na caixa de botões com defeito prá você voltar de novo prá massa. Compreendeu agora?
- PEER - Mas isso é coisa de avarento! Ora, meu amigo, vê se me deixa em paz!
- FUNDIDOR - Éta, raça humana resistente! Enquanto está com alma, está lutando.
- PEER - Não, não e mil vezes não! Vou lutar com unhas e dentes.
- FUNDIDOR - Você não vê que você é pesado demais para subir até o céu?
- PEER - Mas me dissolverem para eu formar depois uma parte de um corpo estranho? Ah, isso nunca! Toda essa história de oficina de fundição, de desaparecimento do meu eu!
- FUNDIDOR - Ora, ora, meu caro Peer, que eu saiba, você nunca foi você mesmo. Então, morrer completamente vai lá mudar alguma coisa?
- PEER - No fim vocês vão ver que Peer Gynt nunca deixou de ser Peer Gynt. Pode me virar pelo avesso, me examinar de trás para diante, que você só acha Peer Gynt.
- FUNDIDOR - Não é possível! Olha aqui as ordens que eu recebi:



"PROCURAR PEER GYNT, QUE FALHOU NA MISSÃO, E DEVE SER
DERRETIDO E FUNDIDO NOVAMENTE NO CALDEIRÃO."

PEER - Pelo menos me dá um tempinho a mais de tolerancia.

FUNDIDOR - Prá fazer o que ?

PEER - Prá provar que a vida inteira eu fui fiel a mim mesmo.
Vamos, meu amigo, me vende fiado um pouco de mim mesmo,
por pouco tempo mais. Eu volto já, já.

FUNDIDOR - Está bem, vá lá. Pode ir. Mas lembre-se que temos um
encontro marcado na próxima encruzilhada, hein?

PEER - Enquanto houver vida, há sempre uma esperança. (PEER FOGE)



TEXTO 17

No universo existem forças que paulatinamente foram se imprimindo no ser humano. Forças essas que foram se acumulando em diversas fases para que resultasse no que o ser humano é hoje. Então, a justaposição da força do universo e do próprio ser humano no sentido de se esforçar, através da vontade, resultou no que somos hoje: seres humanos. Evidentemente, todo esse processo evolutivo não teria sido possível sem a força do sol, sem o auxílio das forças cósmicas que interagem nos seres humanos. Nós existimos hoje graças ao acúmulo de inúmeras mortes. Eu lhe digo que sou o resumo de uma série de mortes acumuladas dentro de mim. Sou alguém que carrega no seu Âmago a morte de outras pessoas que resultaram no que eu sou hoje. Assim, quando eu morrer, estarei passando minha vida para outro ser - mesmo que para esse ser, eu não seja uma pessoa viva e sim uma pessoa morta.

Kazuo Ohno



CENA 17

UMA ENCRUZILHADA.

PEER - Pois é, Peer, você tá no buraco mesmo! Tua canoa está vazando de tudo que é lado.

FUNDIDOR - Então, Peer Gynt?

PEER - Puxa, já cheguei na encruzilhada? Que pressa, hein?

FUNDIDOR - Estamos voltando ao ponto de partida.

PEER - Me dá só mais um prazo curto. Vou procurar o pastor, me confesso num abrir e fechar de olhos.

FUNDIDOR - Tá bom, então só até a próxima encruzilhada. Mas é a última, hein? (SAI)

PEER - Enquanto houver vida, sempre há esperança.

(UMA FIGURA MAGRA, VESTIDA DE PADRE, DESCE CORRENDO A COLINA, COM UMA REDE DE PESCA NAS COSTAS)

Quem vem lá? Um padre carregando uma rede de pesca? Epa! Já vi que eu sou mesmo o afilhado da sorte! Boa tarde, senhor pastor. Que estrada ruim esta, não é verdade?

A FIGURA MAGRA - Sem dúvida, sem dúvida. Mas o que a gente não faz para colher uma alma?

PEER - Ah, apareceu um candidato prá ir pro céu, é?

FIGURA - Não. Acho que vai tomar o caminho oposto.

PEER - Será que o senhor me permite acompanhá-lo um pedaço do caminho?

FIGURA - Com muito prazer. Sua companhia é muito agradável.

PEER - Estou com o coração tão pesado!

FIGURA - Ah, então desabafe, meu filho.

PEER - Diante de Vossa Reverendíssima está uma pessoa séria, mas o senhor sabe, às vezes a gente tropeça, sem querer...

FIGURA - Está aí uma coisa que acontece até com as melhores pessoas...

PEER - Não é? Essas coisinhas de nada...



FIGURA - Nesse caso, meu caro, faça o favor de me deixar em paz. Acho que está me confundindo com outra pessoa. Você está vendo minhas mãos? Que é que você está vendo nelas?

PEER - Que suas unhas estão crescendo fora do normal.

FIGURA - E agora olhe meus pés, então.

PEER - Esse pé é assim mesmo, é?

FIGURA - É um dos meus orgulhos.

PEER - Eu era capaz de jurar que o sr. era padre.

FIGURA - Você não faz idéia como os negócios vão mal! Um comércio fraquíssimo, quase não se encontram almas a venda, a não ser assim, uma vez na vida outra na morte, um caso isolado, é claro.

PEER - Ah, então quer dizer que a raça humano andou melhorando?

FIGURA - Melhorando? Pois se é justamente o contrário! Piorou, meu caro é uma vergonha como piorou. A maioria, cá entre nós, só serve para ser jogada na forma, prá ser fundida...

PEER - Ah, é, já ouvi falar disso. Prá ser franco, é disso mesmo que eu queria falar, sabe?

FIGURA - Fala sem medo.

PEER - BEm, levando em conta tudo o que eu fiz, acho que tenho direito de não ser fundido.

FIGURA - Mas você disse que eram coisinhas de nada.

PEER - Bem, até certo ponto. Me lembro, por exemplo, de ter traficando no mercado de escravos negros...

FIGURA - Qual nada! Outros traficaram com almas e vontades alheias.

PEER - Mandei estatuetas de Buda prá China.

FIGURA - Ninharia... Outros fabricaram ídolos muito piores.

PEER - Mas o sr. sabe que brinquei de profeta?

FIGURA - No estrangeiro? Grande coisa!

PEER - Então escute só: num naufrágio fui culpado - meio culpado, de um cozinheiro ter morrido afogado.

FIGURA - Meu caro, não fique zangado e se conforme tranquilamente com a forma de fundição.



PEER - E de quem é a alma que o sr. vai pescar, hein?

FIGURA - De um tal de Peer Gynt.

PEER - Peer Gynt? Então ele foi sempre fiel a si mesmo?

FIGURA - Ah, por esse eu boto a minha mão no fogo.

PEER - É é pessoa de fé?

FIGURA - Quem sabe você o conhece?

PEER - Bem, um pouco...

FIGURA - Acabou-se minha hora livre. E onde é que ele estava a última vez que você o viu?

PEER - Ih, longe, lá no Cabo...

FIGURA - No Cabo da Boa Esperança?

PEER - É, mas se não me engano, ele parece que ia tomar o primeiro navio a deixar o porto.

FIGURA - Ah, então vou correndo atrás dele. (CORRE NA DIREÇÃO SUL)

PEER - (SENTE MAIS ANGÚSTIA E PENETRA MAIS PARA DENTRO DE UMA NÉVOA QUE SE FORMA. UMA PAUSA. DEPOIS GRITA) Lamentável pobreza da alma que volta ao nada e se desfaz na névoa! Terra verdejante, me perdoa por ter pisado inutilmente a relva de teus campos! Como é duro, pagar com a própria vida o pecado de se ter nascido. Mas antes eu quero encher meus olhos com a visão da terra prometida. Depois, que a neve se amontoie sobre mim e que se rabisque na minha tumba estas palavras: AQUI JAZ NINGUÉM. E depois, depois... aconteça o que tiver que acontecer!



TEXTO 18

" Às vezes sinto uma liberdade real quando estou debaixo de um foco de luz no palco, por que este é o lugar a que eu pertença e acho que neste momento o que estou fazendo é importante. Estou de pé aqui, fazendo o que me cabe. E é muito bom."

Liv Ullmann



CENA XVIII

UMA ENCRUZILHADA.

- FUND - Bom dia , Peer Gynt. Fez a confissão?
- PEER - Você não vai acreditar, mas procurei um confessor até cansar.
- FUND - E não achou nenhum ?
- PEER - Só achei um pescador bobalhão.
- FUND - Azar o teu! O prazo terminou.
- PEER - É o fim! Que cheiro de morte! Está ouvindo o pio da coruja?
- FUND - Que nada é o sino da manhã.
- PEER - E aquela luz o que é?
- FUND - Uma simples vela acesa numa cabana.
- PEER - E este som, de onde vem ?
- FUND - É apenas uma mulher cantando.
- PEER - Então é ali que vão me dar um recibo de confissão.
- FUND - (Pegando-o pelo braço) - Vamos, põe teus negócios em ordem!
- (Os dois caminham até uma cabana. O dia começa a raiar)
- PEER - É aqui que eu vou por meus negócios em dia e em ordem. Estou em casa. Vai-te embora! Some!
- FUND - Está bem, Peer, vou te esperar na terceira encruzilhada. Ou você tem grandes pecados ou eu vou te fundir. (Afasta-se e desaparece de cena)
- PEER - (Aproximando-se da Cabana) - A gente vira pro lado de virar sempre encontra a mesma coisa. Dá a volta, dizia a curva. (Corre para a casa no momento em que Solveig está saindo dela, de roupa domingueira, levando na mão um missal enrolado num lenço. Apoiada numa bengala)
- PEER - (Ajoelhando-se) - Fala e sentença a este pecador!
- SOLVEIG - É Peer Gynt!! Bendito seja Nosso Senhor.
- PEER - Me acusa dos meus erros e dos meus pecados.
- SOLVEIG - De você não sei nenhum.



FUND - (Detrás da cadea) - Vamos, Peer, Teus pecados.

PEER - Grita bem alto todos os meus crimes.

SOLVEIG - (Sentando-se perto dele) - Que Deus te abençõe por ter voltado. E bendita seja a Páscoa Florida que te trouxe de volta.

PEER - Ah, estou perdido!

SOLVEIG - Você não está perdido, eu vou te ajudar.

PEER - (Mudando de opinião com um risinho) - É, perdido a não ser que você saiba decifrar enigmas.

SOLVEIG - Fala!

PEER - Escuta só: Você pode me dizer por onde andou Peer Gynt desde a última vez que você o viu ?

SOLVEIG - Por onde êle andou?

PEER - É onde ele esteve, exatinho como foi marcado com o selo da predestinação. Pode me dizer ? Se tenho que voltar de onde sai, . Desaparecer.

SOLVEIG - (Sorrindo) - Oh, esse enigma é facil de decifrar.

PEER - Vamos, diz o que você acha! Onde andei, desde que nasci com o selo divino gravado em mim?

SOLVEIG - Na minha fé, na minha esperança.

PEER - (Recuando com um salto) - O que você disse? Ah, cala a boca! São palavras do carinho, enganadoras. Você está falando de um filho que só existe em você. Que só tem mãe!

SOLVEIG - Então, é meu filho, sim.

PEER - (Como que iluminado interiormente exclama) - Me esconde, me esconde no teu seio (Abraça-se a ela e esconde o rosto no seio de Solveig. Uma longa pausa. O sol nasce.)

SOLVEIG - Eu te agradeço por me teres feito esperar. Deste uma razão para a minha vida. Dorme em paz. Vou te embalar. A vida foi feliz e passou num instante. Como a vida é boa, é leve como uma prece. Sua cabeça está encostada ao meu coração. Assim se passou a vida, um breve sonho de ouro.



A VOZ DO FUNDO - (dentrás da cabana) Vou te esperar na próxima encru-
zilhada, Peer Gynt. Não te digo mais nada.

SOLVEIG - Eu vou te embalar. Apoia tua cabeça em meu peito
repousa e sonha.

F I M

